

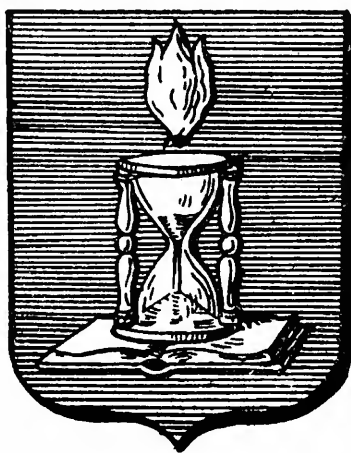
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

19

XXVII

*Letras - n.º 2*



SÃO PAULO, BRASIL

1942



**BARTOLOMÉ TORRES NAHARRO**

**COMEDIA TROFEA**

**Reimpressão prefaciada por  
FIDELINO DE FIGUEIREDO**

**São Paulo,  
1942.**



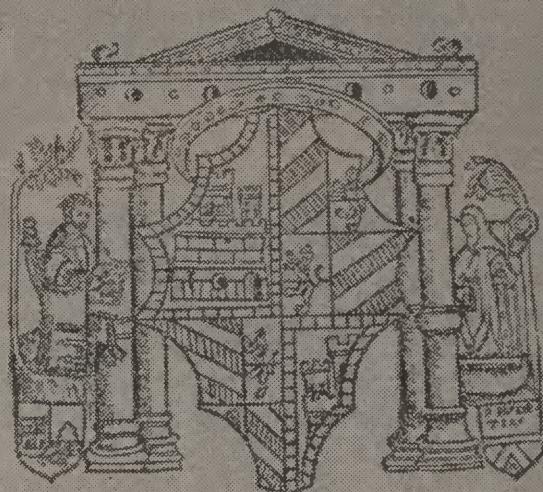


# PROPALLADIA

De Bartolome de Torres Naharro. Dirigi-  
da al Illustrissimo Señor: el S. Don  
Fernando Dávalos de Aquino Marqués  
de Pescara. Conde de Louto: gran Camar-  
lengo del Reyno de Napoles &c.

Con gratia y Privilegio: Papal. y Real.

Dirigatur aho.



Oratio mea.

## Contienense en la Propalladia.

Ura lamentacione de  
Amor  
Una Serya  
Oyte Capítulos  
Dieze Epithetas.

Comedia. Scraphina  
Comedia. Tropea  
Comedia. Soldadesca  
Comedia. Sinclaria  
Comedia. yacenta  
Comedia. Jacinta  
Diologo. del Mascinieto.

Una. Contemplation  
Una. Exclamation  
Albitero del: lauca  
Ala. Veronice  
Retracto.  
Romances. Cascones.  
Sonetos.

Fac-simile do frontispicio da edição "princeps" da *Propalladia*, de Bartolomé Torres Naharro, Napoles, 1517, em que se contém a *Comedia Trofea*. O original é a duas côres: vermelho e negro.



## P R E F A C I O

**Sumario:** I — Recapitulação. II — A Embaixada de D. Manuel I, de Portugal, ao Papa Leão X, em 1514. III — Bartolomé Torres Naharro e o seu teatro. IV — A Comedia Trofea. V — Conclusão.

### I

O texto espanhol quinhentista, que neste número segundo do Boletim da secção de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo se publica, é completamente desconhecido ou esquecido fóra do mundo da erudição hispanizante, apesar da sua muita relação com a história política de Portugal, no seu grande século, e do lugar do autor na pleiade de comediógrafos primitivos da península, a que se incorpora o nosso Gil Vicente (1). Publica-se como documento ilustrativo das idéias apresentadas no primeiro número do mesmo boletim — idéias que, nada tendo de raras, só podem valer pelo apoio documentar que exibam.

Em muito pouco se cifram tais idéias. A matéria de uma epopéia nacional, isto é, de uma epopéia que seja uma plataforma de encontro espiritual de toda uma nacionalidade e que encerre por isso perene força unificadora e propulsora, é de criação colectiva e anterior ao poeta épico; constitue o mundo heróico, lendário ou mítico da grande época formadora da alma de um povo e nasce de um estado febril da imaginação, ufana e autolatra, que desfigura os

---

(1) Referiram-se à *Comedia Trofea*, em Portugal, Teófilo Braga em passo da sua *Historia do Teatro Português*, que não posso reler agora, e Teixeira Botelho, com conhecimento indirecto, a pag. 189 de *Gil Vicente, Vida e obra*, conferências na Academia das Ciências de Lisboa, 1939.

acontecimentos, engrandecendo-os e simplificando-os ao mesmo tempo, atribuindo-lhes proporções miraculosas ou sobrenaturais e sentidos simbólicos. É o processo de formação de todas as lendas, que a etnografia desvenda, mas já não é a descida da matéria histórica para o pêgo profundo do folclore, se um poeta de poderosa individualidade cristaliza esses valores numa obra superior. A primeira hipótese, a sunção no anonimato rasteiro, é o caso da epopéia castelhana medieva.

Esta pequena teoria é coisa muito diversa da velha e rebatida concepção romantica do povo anonimo todo poderoso na criação, ainda nos casos da existência de grandes nomes signatários das obras. Nestes, o poeta era simples compilador ou coordenador das baladas e dos romances, lais e contos. Esta pequena teoria apenas salienta a prévia necessidade de um acôrdo moral e estético entre a inspiração do poeta e o mundo de preocupações e concepções, valores e ideais da colectividade, para a qual escreve, restituindo-lhe tudo isso com o esplendor novo da unidade e da sua cristalização artistica. O que fôra vago ou flutuante, inorgânico e fragmentario, situa-se num panorama, com sucessão de planos, com hierarquia entre os protagonistas ou simples agonistas do drama; constitue uma definitiva ou duradoura visão heróica da biografia da nacionalidade e encerra compromissos de acção, que uma exegése emotiva, penetrantemente emotiva pode volver em planos de acção para o futuro. A epopéia nacional, estando muito próxima da adolescência dos povos, está impregnada de espírito cívico e político, é gregária, não é individualista, é grito de orgulho intolerante e cruel, é instrumento afeiçoador da personalidade de um povo, está longe dos egotismos subtís da poesia lírica e das sondagens em profundidade da consciência e da subconsciência, não conhece os direitos da alma solitária, passa adiante das aberrações que se apartam dessa grande emoção colectiva. Olha, cala e passa ávante, como se ensina na **Divina Commedia**.

Não ha nenhum conflito entre a liberdade de inspiração do poeta e a preexistência da sua matéria. Há apenas uma preocupação realista: só encerra vibração épica o que expressa os conceitos de valor e a ufania nacional de todos e cada um — como qualquer novela burguesa do século XIX



só foi recebida com alvoroço, quando espelhava o meio coevo, fielmente observado, mas livremente interpretado pelo romancista. Toda a obra literária contém um meio ou ambiente. Pois bem: o ambiente obrigado da epopéia é aquela super-estrutura moral que uma excitação heróica nacional já criou e sobrepôs à realidade quotidiana. Esta supra-realidade de origem literária mistura-se-nos à vida e chega a constituir um obstáculo à verdadeira história crítica e uma selva de prejuizos nacionalistas. E pode determinar atritos entre os direitos da razão e os deveres de acatamento para com as forças tradicionais de coalescência moral das pátrias.

Destas idéias se deriva imediatamente um corolário: a crítica de fontes transforma-se, deixa de ser uma simples aproximação textual que surpreenda coincidências estilísticas e vestígios de leituras do poeta, para se tornar o paciente rastrear dos temas através de caminhos muito variados, escritos e orais, literários e não literários, conhecidos do poeta e não conhecidos dele. E esses rastros, que assinalam a preexistência da matéria poética, os conceitos da sua valorização moral e estética, e até modos de a expressar, constituem os índices da ambiência lendária ou os sintomas dessa febre colectiva de heroísmo e ufanía.

Quando aponteí tais índices (V. *Letras*, n.º 1, pags. 16-17 e na recapitulação escolar, *Literatura Portuguesa, Desenvolvimento histórico, Das origens à actualidade*, Rio de Janeiro, 1941, pag. 129), omiti muitos, ou porque os não soubesse discernir, ensaiando, como ensaiava, uma nova direcção de idéias e investigações, ou porque estivessem na memória de todos e saíssem do âmbito especial da história literária ou ainda porque não possuísse o indispensável material documentar. A decoração architectónica, manuelina, que foi omitida, recebeu dessa atmosfera de heroísmo e exotismo recursos novos com que prolongou o gosto do gótico; e a *Comedia Trofea*, de Bartolomé Torres Naharro, só agora ao meu alcance, glosa algum lugar comum da hiperbole heróica do tempo.

Posso hoje reproduzir esta comedia e comentá-la um pouco, graças aos meus colegas e amigos, Dr. David Rubio, da Biblioteca do Congresso, de Washington, que me facultou uma fotocopia do raríssimo texto; Prof. Amado Alonso, da Universidade de Buenos Aires, e Prof. Joseph E. Gillet, de

Bryn Mawr College, Pennsylvania, que me proporcionaram material da bibliografia crítica; e Prof. Fernando de Azevedo, Director desta Faculdade, que me arbitrou a indispensável consignação orçamental.

Fôra mais prudente haver aguardado a nova reimpressão crítica da *Propalladia*, de Torres Naharro, que o Prof. Gillet está dirigindo e que, dada a grande autoridade deste especialista do primitivo teatro peninsular, há-de ministrar um texto mais seguro e novos dados biográficos e críticos sobre Torres Naharro e o seu teatro. Sendo, porém, o meu ponto de vista exclusivamente o da história literária portuguesa, não o linguístico, posso contentar-me com o texto fixado por Cañete e Menéndez y Pelayo na edição de 1880 e 1900, tomos IX e X da colecção *Libros de Antaño*, publicada pela Sociedad de Bibliófilos Españoles. E quanto ao objectivo do estudo das possíveis relações entre o teatro de Gil Vicente e o de Torres Naharro, projecto voltar a êle, quando se restabeleça o convívio normal e a colaboração entre os especialistas da história literária dos países peninsulares.

## II

No momento em que mais alto ia o sol da sua glória ou da sua ventura, o rei D. Manuel I, de Portugal, mandou ao papa Leão X uma embaixada ostentosa, digna, pela sua pompa exótica, do requintado gôsto de um Medicis, cujo mecenatismo parece personificar a embriaguez da Renascença. Foi uma embaixada que ficou nos anais da política exterior da Curia e nas recordações do povo romano. Já então o soberano português havia organizado o império marítimo e comercial do Oriente, de que Vasco da Gama, Alvares Cabral, D. Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque haviam sido principais architectos. Achara-se a Terra Nova, o Canadá e o Brasil; estabelecera-se um rosário de bases navais e feitorias comerciais ao longo das ilhas dos Oceanos Atlântico e Índico, e das costas de Africa, Arabia e Índia, até ao Estreito de Singapura. Portugal torna-se o traço de união econômica entre os dois hemisférios morais da terra e um viveiro e centro distribuidor de catequistas cristãos. Soldado, missionário e mercador, dominava, convertia à fé cristã e traficava. Precisava de exhibir ante o

chefe da cristandade a orgulhosa consciência dos seus serviços e da sua força, e tinha o direito de pedir novos apoios pontifícios para o seu labôr de cruzado retardatário e aventureiro. Logo após o regresso de Vasco da Gama da sua primeira viagem, o soberano participára ao papa Alexandre VI o feliz acabamento daquela almejada empresa da chegada à Índia por mar e pedia a confirmação das velhas bulas que outorgavam a Portugal direitos de posse das terras novamente descobertas, em troca da evangelização. Era este o principal título jurídico, além da prioridade no achamento, que os Portugueses invocavam para a constituição do seu império ultramarino, desde o começo das explorações oceânicas do Infante D. Henrique. Portugal ia realizando a sua expansão imperialista, sob a asa protectora ou complacente do Papado e em meio da indiferença geral dos países europeus, demasiado absorvidos nos seus problemas internos e continentais. A curiosidade geográfica, peculiar da mente renascentista, exaltara-se dominadoramente naquele recanto da Europa, pelo menos no cérebro de um homem de gênio, poderoso e obstinado o bastante para a impor como política de uma ordem monástico-militar e, no fim do século, de todo o reino. Só quando aparece Colombo e quando o papa espanhol Alexandre VI se inclina a favor dos Reis Católicos, e também quando o rendimento econômico das conquistas ultramarinas se patenteia a todos, é que essa indiferença e esse isolamento se transformam em rivalidade e concorrência.

Esse acôrdo político dos soberanos portugueses com os pontífices era uma tradição coeva do nascimento da própria nacionalidade — a qual surgira como condado insubmisso da monarquia leonesa. Era a época em que os sucessores de Gregório VII, continuando a sua política teocrática, se empenhavam na criação de núcleos de resistência ao mahometismo. A rebelião portugalense foi, por isso, apadrinhada pelo papado. Mas os conflitos entre o afilhado e a Curia protectora começaram pouco depois, porque a nova nacionalidade seguiu, na conquista da sua integral independência, três direcções igualmente decididas: luta contra o antigo suzerano leonês; luta contra os mouros; e luta contra a intromissão romana nos negócios internos. A independência perante Leão fica reconhecida desde 1143, na conferência de Zamora; e a luta com os mouros pela integração do terri-

tório nacional conclue-se em 1250 pela conquista do Algarve, ratificada em Badajoz, 1267, por Afonso X, o Sábio, após laborioso litígio. Mas a emancipação dos reis perante a Curia Romana custou mais longo e porfiado esforço. A madrinha da nova nacionalidade era ciosa do seu ascendente e de gratidões por efectivos serviços prestados nesses tempos incertos. Desde D. Pedro I a luta tem um eixo, que é a aplicação, com rigor vário, da lei do *Beneplicito regio* — uma espécie de fronteira movel entre o poder civil e o poder teocrático. Não sómente nascera sob a égide da Igreja Romana a nova nacionalidade, mas também usára os recursos morais e materiais das ordens monástico-militares na integração do seu território, porque esta revestia aspectos de cruzada, e iniciára ainda com os de uma delas, a de Cristo, sucessora portuguesa da dos Templários, os descobrimentos marítimos e os custeára totalmente ou quase, até que D. João II os oficializa e dirige. E eram privilegios concedidos pelo Papado que estimulavam esses empreendimentos de exploração geográfica e legitimavam, perante a opinião universal, a posse das novas terras achadas.

A fisionomia da nacionalidade portuguesa, durante os séculos medievais, é uma longa vigência de um binário de forças econômicas e políticas: Terra-Roma — os parques recursos da lavoura e a força moral da Curia Romana, que incentiva e justifica a força denodada dos barões, dos burgueses e dos plebeus, que amavam a sua independência acima de todas as coisas e a levantam sobre todos os obstáculos: essa pobreza, a unidade geográfica da península, o desequilíbrio populacional, a tendência do arredondamento ibérico pela monarquia castelhana e a posição de desterro dos focos da vida moral e econômica da Europa.

A Embaixada pomposa que em 1514 D. Manuel I enviou ao Papa transformava o character dessas relações lusitano-pontifícias. Já não era um tímido afilhado ou pupilo que pedia assistência contra perigosos vizinhos. Era uma potência marítima e colonial, que ampliára os confins da terra e extendera a fé cristã, que em 1494 obtivera a partilha do mundo por descobrir e que tinha agora como basta razão de viver a força das suas armadas, os recursos que do Oriente extraia e o prestígio de façanhas de repercussão universal. Entrava numa segunda fase da sua vida econômico-política:

Mar-Oriente. Esse o significado da orgulhosa Embaixada a Leão X, que Tristão da Cunha chefiava. Era um nome ilustre da epopéia oriental, não por ter achado o arquipélago, que o recorda, mas porque fôra colaborador de D. Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque, como capitão de armadas. Veiu a ser memorado por Camões nos *Lusiadas* (Canto X, est. 39a.). O secretário foi Garcia de Rezende, compilador do *Cancioneiro Geral*, mas um secretário excessivamente discreto, que não incluiu essa Embaixada entre as maravilhosas coisas contadas na sua *Miscelanea*; limitou-se a registrar alguns resultados práticos dela:

Has terças da clereizia  
vijmos papa Liam dar  
a el rey, para gastar  
na conquista que fazia:  
vijmollas el rey soltar,  
darlhe igrejas y mõeiteiros  
para dar a cavalleiros  
encomêdas, se servissem  
na sãcta guerra, & cõprissem  
dous Y quatro ãnos inteiros.

(Estancia 172, pag. 61 da ed. de Coimbra, 1917.)

E entre as trovas soltas do *Cancioneiro Geral* alguma recordação deixou passar sobre o itinerário agitado da Embaixada. Mas sobre a sua pompa, sobre as impressões do povo romano e sobre os resultados políticos guardou silêncio — ele, secretário e homem que se desvanecia de haver testemunhado grandes sucessos da história. Seria porque da Embaixada, como episódio diplomático de primeira grandeza, houvesse uma versão oficial, de que se não poderia apartar um modesto secretário, nem para contar anedótas? Essa versão, se a houve, seria a que nos apresenta Damião de Goes, historiador oficial do reinado de D. Manuel I. Lá figura na III parte, capítulos LV e LVI, da *Cronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, Lisboa, 1567. Esta obra foi censurada, circunstância que revalida essa sua versão, como oficial. Em abono da sua veracidade, o cronista juntou, no capítulo LVII, uma prova testemunhal: a tradução portuguesa da

carta em latim que o Embaixador Alberto do Carpe (ou Da Carpi?) enviou ao seu Imperador, Maximiliano da Alemanha, parente do Rei Manuel, com a minuciosa descrição da Embaixada. O que Damião de Goes não explicou foi como houve às mãos esse texto.

Como todos os episódios de relação ou convívio podem ser narrados e julgados de tantos pontos de vista quantas as partes conviventes, sem falar nos dos simples espectadores, cuja imparcialidade pode roçar pela indiferença, que é outra forma da parcialidade, assim da Embaixada de Tristão da Cunha há narrativas portuguesas e italianas.

Das portuguesas a mais antigamente divulgada é esta já referida, de Damião de Goes, e a mais moderna será a do Prof. Newton de Macedo na **Historia de Portugal**, dirigida por Damião Peres, vol. III, Barcelos, 1931, págs. 234-236.

Entre os dois extremos colocam-se várias outras narrações, que divergem em pormenores secundários e nos materiais documentares que as roboram. A saber: há documentos coevos recolhidos no **Corpo Diplomático Português**, edição da Academia das Ciências, Lisboa, 1862, vol. I, e na preciosa colectânea de José Ramos Coelho, **Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo àcerca das navegações e conquistas portuguesas**, Lisboa, 1892; há uma amplificação literária, em latim, dos dados proporcionados por Damião de Goes, que é a de D. Jeronimo Osorio em **De rebus Emmanvelis Regis Lvsitaniae invictissimi virtvte et avspicio gestis libri dvoidecim**, Lisboa, 1571, obra de que Filinto Elysio nos deu uma excelente tradução em 1804-1806, Lisboa, 3 volumes; há a reconstituição do Marquês de Rezende, **Embaixada de El-Rei D. Manuel ao Papa Leão X**, no vol. XI do **Panorama**, Lisboa, 1854, pág. 219; notícias miudas no **Sumario de Varia Historia**, de José Ribeiro Guimarães, vol. V, pág. 67, Lisboa, 1879; dados sobre a parte de Garcia de Rezende em **Critica e História**, de Anselmo Braamcamp Freire, Lisboa, 1910, págs. 29-95. E' evidente que todos os autores de grandes corpos de história, que abarcassem o reinado de D. Manuel, se ocuparam da Embaixada famosa, nacionais ou estrangeiros.

Destes últimos só guardou silêncio, um estranhavel silêncio, Heinrich Schaefer na sua **Geschichte von Portugal (1095-1820)** Hamburg, 1836-1854, da qual F. de Assis Lopes

nos deu uma boa tradução e José Agostinho uma péssima continuação. Todavia, noutros aspectos, esta obra, que Herculano louvou, acusa um grande escrupulo de informação. Por maioria de razões se hão-de ocupar desta famosa Embaixada todos os historiadores da política religiosa de Portugal, o principal dos quais será Fortunato de Almeida com a sua **História da Igreja em Portugal**, iniciada em Coimbra, 1910. Oliveira Martins, no seu ensaio de resurreição plástica e de crítica pessimista sobre a **História de Portugal**, Lisboa, 1879, deu-nos uma formosa reconstituição artística da entrada do pomposo cortejo em Roma — página logo depois aproveitada por D. Juan Valera como fonte para a sua descrição do mesmo episódio no romance **Morsamor**, 1899. Recordei essa influência de Oliveira Martins na **História de um “vencido da vida”**, Lisboa, 1929.

Do lado italiano, as relações foram também numerosas, porque a impressão produzida pela Embaixada, com sua opulência e seu exotismo oriental, foi muito grande e duradoura. Estão inventariadas pelo historiador inglês William Roscoe, especialista da Renascença, na sua obra, muito conhecida e traduzida vezes várias, **History of the Life and Pontificate of Leo the Tenth**, de 1805. Mas Ludwig Pastor acrescenta notícias mais modernas na sua obra clássica, de que já transcreverei um sugestivo trecho.

Para o meu ponto de vista, só importa o essencial desse episódio; e sobre ele estão de acôrdo os principais historiadores. A Embaixada foi decidida em fins de 1513 pelo rei, mas só entrou em Roma a 12 de Março de 1514, porque teve uma viagem trabalhosa por causa dos temporais e foi demorada por escalas várias na costa espanhola e nas ilhas Baleares. Foi dessas escalas que o secretário Garcia de Rezende arquivou algumas recordações poéticas no **Cancioneiro Geral**, publicado dois anos depois. Faziam parte da Embaixada, além de Tristão da Cunha, como chefe, e Garcia de Rezende, como secretário, o estribeiro da Real Casa Nicolau de Faria, e os doutores João de Faria e Diogo Pacheco, o primeiro dos quais já estava em Roma, em missão; Nuno da Cunha, filho do Embaixador, poeta colaborador do **Cancioneiro** compilado pelo secretario da Embaixada, e futuro e muito ilustre e desgraçado Governador da India, nos anos de 1528-1538, celebrado como o pai por Camões nos **Lusiadas** (Canto X,

est. 61a.); seus irmãos Simão da Cunha e Pero Vaz da Cunha; gente de armas; os Portugueses residentes em Roma; o corpo diplomático acreditado junto do Papa, no qual se contava, como representante de Francisco I, de França, Guillaume de Budin, futuro fundador do Collège de France; e numerosa comitiva, mais de cento e quarenta pessoas, todas montadas em cavalos ricamente ajaezados. O uso dos coches de gala, nestes cortejos, é muito posterior.

Muita gente acudiu de várias partes distantes de Roma sobre todo o trajecto da Embaixada, desde o desembarque em Porto Ercole até à entrada na cidade pontificia pela Porta del Popolo. Por um famoso Atlas de Roma, de Antonio Tempesta, pode-se reconstituir todo o percurso do desfile. Não era só a imponência da cavalgada ostentosa que atraia os mirones — a Roma da Renascença estaria habituada a muitos espectáculos similares; era a presença das alimarias exóticas: um elefante com seu cornaca (alguns narradores falam de dois), que borrifaria o papa e o povo com agua perfumada, uma onça domesticada que se deixava exhibir sobre uma colcha bordada a ouro, um cavallo persa, que viera de Ormuz, com seu condutor, muitas aves raras, e os paramentos e as vestes pontificais para os sacrificios do Papa, recobertas de ouro, pérolas e rubis em quantidade deslumbradora e no valor de meio milhão de cruzados, segundo alguns testemunhos. Tambem os houve mais modestos no seu cálculo: que a coisa se poderia ter feito com trezentos ou quatrocentos mil... E' bom não esquecer o grande poder aquisitivo dessa moeda, ao tempo. Em qualquer hipótese, o efeito destes presentes deve ter sido muito diverso do que produziram os que Vasco da Gama levara ao Samorim de Calicut, na sua primeira viagem: desagrado pela modestia. Em Calicut aportava em 1498 uma expedição, que significava o espírito de aventura e avidez da pobreza européa, num dos seus últimos actos; ao Castelo de Santo Angelo chegava, de retôrno, a opulência asiática, via Lisboa. O caminho mais largo, mas então muito novo e o menos inseguro. Todavia, o legado do Imperador Maximiliano, mesmo defendendo-se de exageros estimativos, ainda pôde escrever ao seu soberano a seguinte opinião: "... has perlas não sam de muita grandura, nem hos robis, mas em multidão, & numero mais que infindos. Certo, & assi he de





**O ELEFANTE ANNONE E O POETA BARABALLO**  
Retrato de embutidos de madeiras de côr, feito pelo  
entalhador Giovanni Baril, de Siena, sobre um dese-  
nho de Rafael.

(Reproduzido de *La Lettura*, ano X, n.º 12, Milão, 1910,  
pag. 1143)





**CABEÇA DO ELEFANTE ANNONE**  
Marmore dos jardins da "Villa Madame",  
de Julio de Medicis, depois Papa Cle-  
mente VII.

(Reproduzido de *La Lettura*, ano X, n.º  
12, Milão, 1910, pag. 1146).



crer que nunca a nenhum Papa da Igreja Romana foram apresentados tão ricos, nem tão fermosos ornamentos, nem tão preciosos” (Crónica do Felicissimo Rei D. Emanuel, parte III, pag. 192 da ed. de Coimbra, 1926).

O fim da Embaixada, além do propósito moral de ostentação, era duplo, sob o ponto de vista político: o Embaixador fazia reclamações de interesse nacional e sugestões de ordem internacional; apoios e privilégios espirituais para o novo império português do Oriente, prosseguimento do Concílio Ecumenico de Latrão, reforma da Igreja e uma cruzada contra os turcos, inimigos de Portugal nas partes orientais. As reclamações de ordem geral não foram deferidas. Eram direcções da política geral do Vaticano, que não podiam depender só do voto do rei português. A Carlos V e a Filipe II caberia o papel de paladinos da Contra-Reforma religiosa e de tutores dos papas, não a D. Manuel I, de Portugal.

As reclamações peculiarmente portuguesas é que foram atendidas de maneira cabal: as terças eclesiásticas do reino foram cedidas a favor da guerra contra os infieis de além-mar; toda a vida religiosa dos domínios ultramarinos foi submetida à Ordem de Cristo; e ao soberano foi concedido o direito de padroado nas dioceses distantes — direito que sobreviveu ao próprio império português do Oriente.

Estes os resultados práticos da Embaixada — que foram memorados por Garcia de Rezende na sua *Miscelanea*, como já apontei —; e esta a essência das narrativas portuguesas.

As narrativas italianas ou romanas, que não posso agora consultar, poderiam oferecer alguma notícia nova e de grande interesse para o meu ponto de vista histórico-literário, se ao apontarem os agasalhos e festas com que foram honrados em Roma o Embaixador Português e o seu sequito, fizessem referência à representação da *Comedia Trofea* de Bartolomé Torres Naharro. Também não é muito crível que os historiadores do primitivo teatro espanhol houvessem esquecido esse filão em suas pesquisas. Benedetto Croce estudou especialmente as relações literárias hispano-italianas nos séculos clássicos; e P. Mazzei as influências italianas sobre o teatro de Torres Naharro. E nada dizem sobre as circunstâncias de nascimento e representação da *Comedia Trofea*. Tenho, pois, de me limitar à análise intrínseca da obra, como índice da atmosfera de heroismos lendários e

sua expressão hiperbólica, de que nasceu a epopéia portuguesa.

Há, porém, uma versão histórica desta Embaixada, que merece especial confiança pela grande autoridade do nome, que a subscreve, e que proporciona com seu aparato erudito fontes documentares diversas das que acima enumerei. A seguir a reproduzo, em tradução da tradução francesa de Alfred Poizat (*Histoire des Papes depuis la fin du Moyen Age*, Paris, 1926, págs. 55-58), mas cotejada pelo original.

“A embaixada de obediência, que fez mais ruido, foi a do rei Manuel de Portugal, o qual já tinha enviado antes presentes ao Papa (1) e o havia informado, por carta, dos seus grande êxitos na Índia e na África (2). Leão X ordenou festas nesta oportunidade e, numa carta lisongeira, exortou o rei a prosseguir na sua campanha contra os infiéis (3).

O Papa mandou fazer vastos preparativos para a recepção desta embaixada, cuja chegada, a 12 de Março de 1514, deu ensejo a um brilhante espectáculo (4). Quatro dias antes tinha sido publicada uma bula que convidava todos os Portugueses a ajudar o seu rei na cruzada dele contra os mouros de África. A testa da Embaixada vinha Tristão da Cunha, conhecido pelas suas viagens de descobrimento; acompanhavam-no dois juriconsultos célebres, Dio-

---

(1) Landucci, pág. 343.

(2) Carta de Lisboa, de 6 de Junho, in Codice 1910, folio 140b-143b da Biblioteca Riccardi, em Florença. Ver Uzielli, *P. Toscanelli et la circumnavigazione dell'Africa*, Florença, 1891.

(3) V. Raynald e cartas de Chierigati de 8 de Janeiro de 1514 (Archivo Gonzaga). — V. também Mac Swiney, *Le Portugal et le Saint-Siège*.

(4) Sobre a Embaixada do rei Manuel a Leão X temos as obras recentes de S. de Cuitis, *Une Ambassade portugaise au seizième siècle*, Napoles, 1889, e Mac Swiney, *Portugal*, e a narrativa de Grégorovius que coloca, por engano, o facto em Maio de 1514. — V. Paris de Grassis, *Diarium*; Sanuto, Jovius, *Hist. Elogia, Corpus dipl. Port.*, tomo I, pag. 234, 238. — V. também o *Journal em Mélanges d'archéol.*, tomo XXII, pág. 277, a carta de Guido Postumo, de 13 de Março de 1514 (Archivo Gonzaga), e a *Chronique contemporaine* em V. Polit, págs. 50-62 (Archivos Secretos dos Papas), assim como Fr. Novellus, *Vita Leon. X*, in Cod. Barb. lat. 2273 (Biblioteca Vaticana). — Depois destes, ver também Joanninensis, *Pentateucus*, pág. 99.

go Pacheco e João de Faria, numerosos membros da nobreza portuguesa, muitos negros e indianos, ao todo umas setenta pessoas. Mas o que produziu ainda mais efeito que esta brilhante e graciosa cavalgada foram os presentes raros e preciosos que a Embaixada trazia ao Papa, como testemunho das vitórias alcançadas sobre os infiéis: cavalos persas, galinhas da Índia, papagaios, uma pequena pantera, dois leopardos e um elefante branco, que os basbaques romanos não se fartavam de admirar. Um mouro ricamente vestido montava esse possante animal, que levava sobre o lombo revestido de xaireis bordados um cofre encimado por uma fortaleza de prata, flanqueada de numerosas torres. Esse cofre encerrava diversos presentes para Leão X: casulas bordadas a ouro e pedraria, ostensórios, cálices do mais fino ouro; uma toalha magnífica de altar e livros de grande preço. O cornaca fazia-se obedecer pelo elefante, falando-lhe. Quando chegou ao castelo de Santo Angelo, do alto do qual o Papa contemplava este espectáculo nada comum, o elefante parou em silêncio e por três vezes ajoelhou perante Sua Santidade. E quando o animal derramou por sobre os curiosos uma parte da agua que lhe ofereciam, a alegria do povo não teve limites. Desde então ele foi o entretenimento da cidade; cantaram-no os poetas (1) e até um prosaico mestre de cerimoniaes, como Paris de Grassis, não deixou de se ocupar dele nas suas notas. O esportissimo animal, que executava as habilidades mais variadas, teve em João Baptista Branconi um admirador particular. Branconi tinha relações de amizade com Rafael; e ninguem lhe pareceu mais indicado que o pintor de Urbino para representar, sobre uma torre do Vaticano, a entrada deste animal. Essa pintura foi destruida durante as reconstruções de Paulo V; em compensação, sobre a porta que vai da camara da Assinatura à camara de Heliodoro, conservou-se uma fina estampa, que representa o elefante transportando o poeta Baraballo. Deste modo se conservou pela gravura a imagem de um animal que ninguem tinha tórnado a ver deste o tempo dos Cesares (2).

---

(1) V. Beroaldo; Paquier, *Vita*, pág. 35; Aurelius Serenus in Tizio.

(2) O elefante de Leão X deu origem a toda uma literatura. Citemos primeiro: *Lettres de Sadolet*, em Roscoe-Bossi, tomo VI, pag. 197; Osorius, *De reb. Eman, reg. Lusit.*, tomo IX, pág.

A 21 de Março, num Consistório público, os enviados do Rei de Portugal fizeram o juramento de obediência. Pacheco pronunciou o discurso de uso; é um modelo dessa retórica redundante que então se admirava. Leão X respondeu-lhe com tanta elegância quanta força; preconizou a necessidade da paz entre os príncipes cristãos e da sua união contra os infiéis. A seguir efectuou-se a entrega dos presentes, a que a imaginação exagerou desmesuradamente o valor. O Papa decidiu-se então a enviar ao Rei Manuel a Rosa de Ouro primitivamente destinada ao Imperador. Mais importantes ainda foram as concessões que os embaixadores portugueses obtiveram para a sua pátria. Leão X concedeu ao Rei autorização para levantar um dizimo sobre o clero português, durante quasi toda a guerra de África. Por uma bula de 7 de Junho de 1514, a corôa de Portugal obtinha o padroado de todos os bispados e benefícios nos domínios ultramarinos e a anexação desses benefícios à Ordem de Cristo. A 3 de Novembro, este direito de padroado tornou-se extensivo a todas as terras conquistadas ou que viessem a ser conquistadas não sómente na Índia, mas também nas regiões do mundo, ainda desconhecidas. Estas mostras de favor não bastaram a Leão X. No ano seguinte, enviou ao Rei Manuel uma dessas espadas e um desses chapéus que os Papas abençoam na noite de Natal. Desta maneira, o chefe da Igreja fez saber ao mundo inteiro toda a estima que lhe grangeavam as guerras do Rei de Portugal contra os infiéis, as quais abriam tão brilhantes horizontes à Cristandade".

---

263; *Epist. obscur. vir.*, ed. Boecking, pág. 262; Tizio, *Hist. senen.* — Aqui há uma gravura do tempo, representando o elefante. A morte do elefante (epitaphio, em Reumont) pareceu aos contemporaneos digna de ser mencionada: "Segunda feira, 16 de Junho de 1516, morreu o elefante" — *Journal in Cod. Barb. lat.* 3552, folio 27 (Biblioteca Vaticana). V. também Sanuto, tomo XXII, pág. 475; *Spicil. Vat.*, tomo I, pág. 22; Burckhardt, *Rossi in Intermezzo*, Turim, 1890, pág. 632; *Cesareo in Nuova Rassegna*, 1894. Há uma recordação do elefante, não registrada até ao presente, na "Villa Madame": no nicho do meio, sobre o terraço, vê-se uma cabeça de elefante, de mármore, que lança agua de nascente para um sarcófago antigo.



Em Dezembro de 1910 appareceu na revista de Milão, *La Lettura*, um artigo de vulgarização, de L. Onori, que relembrava o elefante Annone — assim se chamou o popular paquiderme branco das Indias Orientais — e contava alguns dos episodios chocarreiros em que tomou parte na alegre côrte de Leão X, entre êles o triunfo carnavalesco e a coroação subsequente do poeta Baraballo. Devo à bondade da erudita Senhora Anita Seppilli a noticia de tal artigo, que amplia as informações do citado trecho de Ludwig Pastor, porque nêle se contêm as duas gravuras ainda subsistentes de Annone e o texto do pitoresco epitáfio, que é quasi uma biografia do animal que divertiu e alegrou o povo de Roma e dêle recebeu a gratidão de uma efusiva simpatia, e que teve a honra insigne de ser pintado por um Rafael Sanzio.

O epitáfio foi redigido pelo guarda de Annone, Giovanni Battista Branconi, em 1516, por ocasião da morte do animal com uma *angina pectoris*. Não o reproduzo, porém, porque na copia de *La Lettura* o seu texto contém erros evidentes, que não devo acatar nem tambem corrigir por simples palpito.

### III

Quem foi Bartolomé Torres Naharro? Um clérigo de vida mal conhecida, mas pessoa respeitavel, segundo os depoimentos que nos chegaram e apesar da sua liberdade de língua, e um autor dramático relevante na primeira época da história do teatro peninsular. Ultimamente estabeleceu-se, através dos juizos dos críticos, uma espécie de competição ou porfia entre ele e Gil Vicente, como candidatos ao primeiro lugar entre os comediógrafos primitivos.

A sua vida é, de facto, muito mal conhecida. E esse escasso conhecimento deve-se a dois únicos documentos, que acompanham a sua *Propalladia* — o privilégio apostólico de Leão X para a impressão da obra e uma carta panegírica sobre o autor, de Mesinerius I. Barberius Aurelianensis (M. J. Barbier, de Orléans) a Josse Bade, de Ascen, impressor e humanista belga, ambos os textos em latim — e a algumas pequenas inferências, a que se presta o próprio teor da obra. Como se lhe deparou no caminho da vida este panegirista e

por que dirigiu ao impressor tal carta, se a **Propalladia** estava publicada e havia de livremente se reimprimir vezes várias, não o dizem os historiadores da literatura espanhola, nem mesmo Menéndez y Pelayo, que fez a esses escassos dados ampla e penetrante glosa (**Libros de Antaño**, X, Madrid, pags. I-CLIII, depois nos **Estudios de Critica Literária**). Naharro foi natural de Torre de Sexmero, na Província de Badajoz, fronteira de Portugal. Parece que militou ou andou metido com militares, porque revelou bom conhecimento da vida castrense na sua **Comedia Soldadesca**. Talvez mesmo, em seus princípios, tivesse navegado em serviço militar, porque foi apresado e reduzido à escravidão por piratas do norte de África. Mas os assaltos dos ladrões do mar não vitimavam só aqueles que fossem colhidos de armas na mão, ao serviço do Rei. Resgatado, passou à Roma dos Papas, terra de muitas e desvairadas gentes, onde não era difícil obter benefícios ou mesmo viver sem trabalhar em ocupação definida, na clientela parasítica de algum grande senhor, purpurado ou nobre. Essa sua vida em Roma também é um pouco difícil de compreender. Se fôra militar, como pôde ser designado por Leão X como clérigo da diocese de Badajoz? Referia-se o pontífice à naturalidade e não à jurisdição de que dependia Torres Naharro? Segundo ele diz, vegeta como servo e amargurado de espírito por essa posição subalterna, mas o seu teatro representa-se perante grandes personagens, é privilegiado na sua primeira publicação por Leão X numa carta de gentilíssimos termos e é dedicado ao muito ilustre casal Fernando Dávalos e Victoria Colona, Marqueses de Pescara — o que pressupõe alguma privança ou algum contacto afectuoso. Mesmo o encargo da composição da **Comedia Trofea**, inpromptu para festas de grande solenidade e importância política, faz crer que era poeta aulico do Vaticano. Modernamente, vemos que só os autores favoritos desfrutam dessa preferência oficial para as encomendas literárias dos grandes momentos. Menéndez y Pelayo lembra que essa preferência poderia ter um significado de cortezia: em vez de um autor italiano, um autor das vizinhanças da pátria e da língua do Embaixador Tristão da Cunha. Viveu à sombra do Cardeal espanhol Carvajal, homem irrequieto e ambicioso, bem mais famoso que o seu protegido; mas dessa protecção extraiu um conhecimento com-

prometedor das intimidades sevandijas do tinelo e muito maior que dos salões aristocráticos.

Em data não fixada ainda e por motivo também não sabido, retirou-se para Nápoles, onde, em 1517, publica a sua **Propalladia**, colecção de peças líricas, satíricas e religiosas, e seis comédias: **Serafina**, **Trofea**, **Soldadesca**, **Tinellaria**, **Himenea** e **Jacinta**. Como ele diz no Prohemio da obra e nos últimos dos seus versos soltos (**Libros de Antaño**, IX, pag. 128), esse título é uma palavra artificial, por ele creada para significar: “primicias de Pallas” ou “primeras cosas de Pallas”: “Intitulélas **Propalladia**, a prothon, quod est primum, et **Pallade**; id est, **prima res Palladis**, à diferencia de las que secundariamente y con más maduro estudio podrian suceder”.

Yerro son los más tempranos  
Que sembré;  
Principios en que probé  
Mis fuerzas y tiernas alas,  
De donde con salva fe  
**Propalladia** los llamé,  
Primeras cosas de Pallas.

(**Libros de Antaño**, IX, pag. 128)

A obra saiu ordenada com critério gastronômico: “ante-pasto”, “principal cibo” e “pospasto” ou em linguagem moderna: frios variados, prato do meio ou de resistência e sobremesa. Mas com essa metódica ordenação, Torres Naharro não nos serviu logo todo o seu labor literário: esqueceu algumas peças avulsas, modernamente recolhidas por Menéndez y Pelayo, e não deixou lugar para obras posteriores, como as duas comédias, **Calamita** e **Aquilana**, que são as únicas notícias da actividade do comediógrafo extremenho, posteriores à edição da **Propalladia**. De uma delas, **Calamita**, deduz Mazzei que o seu autor houvesse regressado a Nápoles em 1518, porque nesse ano se representou perante Leão X e os cardiais a **Calandria**, de Bibbiena, à qual atribue sugestões próximas sobre Torres Naharro (**V. Contributo allo studio delle fonti, specialmente italiane, del teatro di Juan del Enzina e Torres Naharro**, Lucca, 1922, pag. 111).

Não se sabe quando morreu Torres Naharro, nem onde passou os derradeiros anos de sua vida. Mas Menéndez y

Pelayo cria que ele houvesse regressado a Espanha e aí morrido antes de 1531. O fundamento para esta conjectura foi a contribuição de Torres Naharro para uma justa poética em honra da Virgem: **En loor de la Santísima Virgen** (V. **Libros de Antaño**, X, pags. 415-417). Como o poeta figura em uma justa, sustentada provavelmente em 1530, e não figura nas imediatas, o crítico espanhol propôs essa data, como a data provável do desaparecimento de Torres Naharro. E com isso sugeriu uma direcção à investigação. Foi também sobre a data presumível dessas justas que o Prof. Joseph E. Gillet concluiu a nova data que propôs: 1524 (V. **The date of Torres Naharro's death**, in **Hispanic Review**, Philadelphia, 1936, vol. IV, pags. 41-46).

A fortuna da obra de Torres Naharro compõe-se, apenas, de um apreciável êxito de leitura no século XVI, durante o qual se fizeram muitas reimpressões do conjunto da **Propalladia** e algumas edições de obras avulsas; de um esquecimento quase total de mais de três séculos, durante os quais não foi reimpresso e apenas o lembraram os bibliógrafos e os eruditos de teatro, a que Menéndez y Pelayo chamou de "pre-históricos"; e finalmente um apreciável êxito de crítica, o qual não consegue restabelecê-lo na atenção dos leitores, mas lhe arbitra um grande lugar na história do teatro peninsular.

O esquecimento principiou em 1559, quando o Santo Ofício proibiu as suas obras, com grande desgosto de Ramírez Pagán, que amargamente lamentou essa segunda morte do poeta (V. **Libros de Antaño**, vol. X, pags. LXX-LXXII). A edição de 1573, expurgada por Juan López de Velasco, por ordem daquele tribunal, foi a última dos velhos tempos.

A ressurreição iniciou-se em 1880, quando Manuel Cañete incluiu a **Propalladia** e as obras posteriores a ela na sua benemérita colecção **Libros de Antaño**. Morrendo no meio da tarefa, teve como continuador a Menéndez y Pelayo que antepôs à segunda parte o admirável **Estudio Preliminar**, que encerra em esboço todas as direcções posteriores da investigação e da análise.

Em 1920 Mr. Gillet revela uma edição desconhecida da **Propalladia** (V. **The Romanic Review**, New York, vol. XI). No ano imediato o Prof. Romera-Navarro põe em grande relêvo a obra prima de Torres-Naharro e toma decidida posição na

competição de primado entre ele e Gil Vicente: **Estudio de la "Comedia Himenea" de Torres Naharro** (V. *The Romanic Review*, New York, 1921, vol. XII, pags. 50-72). P. Mazzei, pouco depois e em obra já citada, estuda as fontes italianas das comédias, principalmente da Aquilana, da Calamita e da Serafina, que revelam influências de Ariosto, Bibbiena, Machiavelli e Strozzi. Mr. Gillet condensou os resultados propostos por Mazzei numa resenha inserta em *Modern Philology*, (Chicago, 1923, vol. XXI, pags. 101-102). Entretanto o mesmo hispanista principiava os seus estudos profundos sobre o velho teatro espanhol, que naturalmente envolviam a obra de Torres Naharro, designadamente na monografia seguinte: **Torres Naharro and the Spanish Drama of the Sixteenth Century** (V. *Homenaje a Bonilla y San Martin*, Madrid, 1930, vol. II, pags. 437-468; e *Hispanic Review*, Philadelphia, 1937, vol. V., pags. 193-207).

A questão bibliográfica foi o objecto de um metódico inventário de A. R. Rodríguez Moñino: **El Teatro de Torres Naharro (1517-1936). Indicaciones bibliográficas** (*Revista de Filología Española*, Madrid, 1937, vol. XIV, pags. 37-82). Nela se descreve já a edição fac-similada da Academia Española, precedida de uma advertência não assinada, mas que é de Emilio Cotarelo y Mori.

Esta breve ementa aponta só os trabalhos, em que Torres Naharro é o centro da atenção; escusado era lembrar que a ele se referem todos os modernos historiadores do teatro espanhol, tais como Bonilla y San Martin, Cotarelo, Crawford, etc..

Tambem a direcção que importava mais para os historiadores da literatura portuguesa estava anunciada ou assinalada no **Estudio Preliminar**, de Menéndez y Pelayo: relações entre o teatro de Gil Vicente e o de Torres Naharro. O crítico espanhol fez algumas indicações concretas (*Libros de Antaño*, X, pags. LXXXVIII, XC e CXLI), que Mr. Gillet ampliou consideravelmente (*Homenaje a Bonilla*, II, pags. 447-451). A esse atractivo caminho nos reconduzirá a análise da **Comedia Trofea**.

O character do teatro de Torres Naharro está definido nas suas linhas gerais: é de inspiração clássica, mas acusa no seu autor uma personalidade dramática mais poderosa que a dos primeiros imitadores peninsulares da comédia antiga,

designadamente Sá de Miranda e Antonio Ferreira, em Portugal — vivacidade de linguagem, domínio do diálogo, sentido cómico, observação directa, faculdade de crear luta moral entre caracteres ou esbôços de caracteres, em vez de simples narrativas dialogais, com fugas líricas ou servís transposições das fábulas do teatro antigo. Pelas influências clássicas e pelas italianas próximas, pela superior lição que delas extraiu e pela consciência crítica demonstrada no **Prohemio da Propalladia**, Torres Naharro era, perante a nascente tradição dramática da península, religiosa e pastoral, ingenuamente gótica, descobrindo os seus processos dia a dia, com Juan del Encina e Gil Vicente — era um produto exótico. Só a sua obstinada fidelidade à velha metrificacão castelhana o liga aos comediógrafos de castiça origem medieval, como o seu erasmismo ou liberdade de crítica dos costumes da gente da Igreja lhe dá certos laços de fraternidade espiritual com o nosso Gil Vicente.

Veiu a ser, em convergência com a **Celestina**, como lembra Menéndez y Pelayo, o ponto de partida de outra corrente dramática, forasteira e em luta com aquela, umas vezes influindo e outras deixando-se influir. Quem o repôs em estima, após um secular esquecimento foi Leandro Fernández Moratín, espírito afrancesado e educado por seu pai no desagrado do teatro lopesco, ponto de chegada da tradição de Encina e Gil Vicente.

Aquele seu **Prohemio** é, na evolução das idéias de estética dramática na península, o que a **Carta-Prohemio** do Marquês de Santillana ao Condestavel de Portugal, D. Pedro de Aviz, é na historiografia da poesia: o mais antigo documento crítico. Devemos incorporá-lo ao nosso pequeno capital de velhos escritos de teoria da literatura: o fragmento da “gaya sciencia”, com que abre o Cancioneiro Colocci-Brancuti; a aludida **Carta-Prohemio**, de Santillana, que é provavelmente de 1449; o tratado de **Arte de la Poesia Castellana**, com que Juan del Encina abre o seu **Cancionero**, de 1496; e as epístolas críticas de Antonio Ferreira, já francamente horacianas. Vai, por isso, reproduzido a seguir a este prefácio. Lá propõe Torres Naharro a designação de “jornadas” para os actos ou momentos da representação. Tal designação, que só mais tarde vingou, foi adoptada em Portu-

gal por D. Francisco Manuel de Mello, espírito muito influenciado pela cultura espanhola.

## IV

Todos os críticos estão de acôrdo quanto ao valor da **Comedia Trofea**: é a mais pobre das comédias de Torres Naharro. Acrescentarei: é um specimen estranho na atmosfera das outras comédias; não é sequer um mixto das duas tendências extremas do seu teatro, como é a **Comedia Jacinta**, que participa da índole “a notícia” e da índole “a fantasia”, empregando as suas próprias designações; menos ainda é um regresso ao ambiente puramente pastoril, de Juan del Encina, como é o **Diálogo del Nascimento** — regresso sem candura, sem sacrifício do caminho percorrido.

A impressão geral que produz a **Comedia Trofea** é a da sobreposição contrafeita de duas obras: uma farsa de bruto ambiente pastoril, plebeismos de linguagem e costumes, discurrir pitoresco sobre as pequenas efemérides da vida campezina, com toda a grossaria de hábitos e apetites, e uma trama futilíssima entre personagens do mundo real; e uma alegoria ou encenação de altas personagens da história e de símbolos. A saber:

No “Introito y argumento” fala um pastor ou “relincha” — como de outros casos diz Menéndez y Pelayo. De mistura com os seus relinchos lá faz seus louvores plebeísimos “al buen Rey de Portugal” e anuncia que se vai varrer (!) aquela sala, porque mais de vinte reis e senhores hão-de vir beijar os pés e as mãos ao soberano português, fazendo-lhe então cada qual saber o seu sentir por meio de um intérprete. Na primeira jornada ou primeiro acto dialogam a Fama e Ptolomeu. Na segunda, volta o ambiente boçal dos pastores desbocados, que de tudo tratam menos de Portugal, do seu rei, das façanhas que se quer glorificar e da sua Embaixada, alí presente. A terceira jornada é um simples monólogo, que poderia ser de grande efeito à vista, mas não é verdadeiro teatro: silencioso, provavelmente sentado sobre um opulento trono e rodeado de vistosa côrte, o Rei de Portugal ouve as longas homenagens de todas as exóticas realezas sufraganeas do seu ceptro, homenagens transmitidas pelo intérprete anunciado no “introito”, unica voz

desta cena. E' nesta jornada que se alude ao Embaixador "Tristan d'Acuña, el buen viejo", e se insinua que facilmente chegarão a bom termo as negociações entre tal Embaixador e tal Papa, antigo cardial protector de Portugal. Na quarta jornada voltam os relinchos dos zagais deslinguados, os mesmos de antes e mais um pagem, que está alí a fazer contraste e a dar a medida da grossaria desbragada dos seus interlocutores. Vêm trazer os seus presentes ao Príncipe D. João, como os haviam levado à Rainha Da. Maria, sua mãe, por ocasião do nascimento do mesmo Príncipe D. João, em Junho de 1502. (Auto da Visitação). Finalmente, na quinta jornada, a mais heteroclita, encontram-se Apolo, a Fama e Mingo Oveja — este como representante daquele mundo primitivo ou símbolo entre símbolos. Apolo encomenda à Fama que apregõe as glórias de D. Manuel I, de Portugal. E esta dispõe-se a soltar os seus pregões, ao que parece, por meio de aves que levam papeis mensageiros no bico. Este primitivo teatro tem muito poucas rubricas aclaradoras. Logo se interpõe Mingo Oveja, com objecções e curiosidades ingênuas, e a extravagante ambição de voar tambem, com as asas da Fama emprestadas. Mas o vilão dá com os ossos em terra e desentranha-se em más palavras contra a Fama, a qual parece não lhe inspirar grandes respeitos. O comentário dela é que poderia conter alguma intenção superior ao aspecto burlesco do episódio:

Muchos quieren hoy volar,  
 Y dan tan grandes caídas  
 Que más en sus vidas  
 No se pueden levantar.  
 Quien bien quisiere notar,  
 Selle ha sano.  
 Vayan, vayan por lo llano  
 Los que no quieren caer,  
 Y ansí no habrán menester  
 Medico ni cirujano.

(Libros de Antaño, IX, pag. 285).

Contudo, em troca da restituição das asas fatais, o vilão pede à Fama o tal papel pregoeiro das glórias do Rei. Nessa mensagem à posteridade tambem se contem o vilhancico final:



Quien tantos reinos ganare  
Como vos,  
Ganado tiene el de Dios.  
Todas las puertas del cielo  
Vos están de par en par;  
La mesma razón del suelo  
Vos hace allá triunfar.  
No hay más glorias que ganar  
D'estas dos:  
La del mundo y la de Dios.  
Do llega vuestro poder  
En este punto reinaes;  
No dejais de poseer  
Sino lo que no probais.  
Inmortal nombre ganais  
Entre nos,  
Y gloria para con Dios.

(Pag. 288, idem)

Para um homem, como Tristão da Cunha, que interesse poderia despertar naquela conjuntura solene esta híbrida comédia? Primeiramente, recapitulava-lhe o juízo europeu das heróicas proezas de Portugal, simbolizado na pessoa do Rei Manuel, que o enviara à côrte pontifícia; secundariamente, restituía-lhe a atmosfera pitoresca e alegórica dos autos vicentinos. Não se deve esquecer que esta representação tinha um propósito de homenagem e agasalho a um hóspede muito illustre, em ocasião excepcional e que então era um requinte da hospitalidade ou das recompensas do destino restituir ao expatriado um pouco do seu ambiente pátrio. Que prêmio dão os deuses a Vasco da Gama, depois de levar a bom termo o seu empreendimento? O encontro da Ilha dos Amores, de flora e de clima similares aos de Portugal.

Tristão da Cunha, ouvindo uma comédia espanhola em Roma, havia de recordar-se de que também Portugal possuía aquella novidade do século, as comédias nos serões do Paço, e havia de revê-las no seu character dominante, ambiente pastoril, religioso e alegórico, porque, sendo alta figura da côrte, a muitos autos vicentinos teria assistido em Lisboa, Almada ou Almeirim. Até à sua partida de Lisboa em Ja-

neiro de 1514, Gil Vicente compusera as obras seguintes: **Auto da Visitação, Auto Pastoril Castelhana, Auto dos Reis Magos, Auto de S. Martinho, Quem tem farelos?, Auto da Fama, Auto da Fé, Farsa do Velho da Horta, Auto da Barca do Inferno, Auto da Exortação da Guerra.**

Em todas havia, a par do intuito de crítica social, esses elementos: o ambiente burlesco e ingênuo dos pastores boçais, o mais confiado sentimento religioso, o engrandecimento patriótico, a exaltação da guerra ultramarina contra o infiel, a perfiguração simbólica e a aliança estreita dos dois aspectos extremos da vida cristã, o plano terreno e o plano celestial ou da Glória, aliança típica da mente gótica, tardiamente gótica de Gil Vicente, e agora lembrada na advertência do vilhancico final da comédia de Torres Naharro.

Se Tristão da Cunha conhecia o teatro vicentino, também este o conhecia a ele, antes e depois da Embaixada. E também à fauna da Embaixada... Era costume faceto de Gil Vicente meter-se com os espectadores dos seus autos.

Numa ladainha de Branca alcoviteira, personagem do **Velho da Horta**, nomeia-se o futuro Embaixador, com outros fidalgos auditores da farsa:

O' Senhor  
Tristão da Cunha Confessor,  
O' Martir Simão de Sousa,  
Pelo vosso santo amor  
Livrai o velho pecador  
De tal coisa.

(Pag. 309 do vol. das **Obras de Gil Vicente**, ed. de Coimbra, 1907).

Na **Exortação da Guerra**, de 1513 (?), pede-se a um diabo, que está sob a influência de um clérigo nigromante, notícia do elefante que o Embaixador levava consigo e alude-se ao problema político das "terças eclesiásticas", um dos que se iam discutir em Roma:

**Zebbron.** Como te vai com as terças?  
He vivo aquele alifante  
Que foi a Roma tão galante?  
(Pag. 212, idem)

No **Auto da Índia** — que provavelmente não é de 1519, como se declara na rubrica do próprio auto, nem de 1509, como propôs Mr. Aubrey Bell nos seus **Estudos Vicentinos**, Lisboa, 1940, pag. 208, trad. port. — há uma alusão à partida de Tristão da Cunha. O que se não pode saber com segurança, é se se trata da partida para Roma ou para a Índia. O tema da peça — situação moral da mulher, cujo marido anda pelas partes da Índia, e de lá chega inesperadamente — sugere que se trate da partida da armada da Índia, em que seguiu esse marido, mas não consta que Tristão da Cunha tivesse voltado à Índia, depois da Embaixada a Roma.

**Moça** Três anos há  
Que partio Tristão da Cunha.

(Pag. 265 do vol. II das **Obras de Gil Vicente**, Coimbra, 1912).

Nas **Côrtes de Jupiter**, de 1519, quando o pai dos deuses e Venus descrevem ou ordenam o cortejo nupcial que há-de acompanhar a Infanta Da. Beatriz, na sua partida para Saboya, lá incluem o antigo Embaixador e o seu nédio secretário:

E na sua dianteira  
Tristão da Cunha irá  
Em congro da Pederneira,  
Bradando: Aparta carreira!  
Tanto que enrouquecerá.

(Pag. 234, vol. I).

E Garcia de Rezende  
Feito peixe tamboril;  
E inda que tudo entende,  
Irá dizendo por ende:  
Quem me déra hum arrabil.

Na mesma **Exortação da Guerra**, escrita no ano em que foi decidida a Embaixada, quatro vezes se alude às “terças”, ao tributo eclesiástico, de que o Rei muito necessitava para a guerra.

## V

A **Comedia Trofea** é uma obra inferior no conjunto do teatro de Torres Naharro, mas levanta atraentes problemas de história literária. Este ambiente pastoril chocarreiro — que seria tão prontamente reconhecido por Tristão da Cunha quanto a sua pessoa era familiar do teatro de Gil Vicente — que procedência tem? Juan del Encina ou Gil Vicente? O pastoralismo do **Diálogo del Nascimento** é atribuído por Menéndez y Pelayo e Gillet a Juan del Encina; e recordam a propósito a possibilidade do encontro dos dois poetas em Roma. Mas não me parece inverosímil considerar que Torres Naharro conhecesse também o teatro de Gil Vicente, seu antecessor nas actividades dramáticas e ligado ao prestígio político do Rei Manuel. Torres Naharro, como todos os espanhois raianos de Portugal, dominaria a língua portuguesa. Na **Comedia Tinellaria** entra um servo português; e o português dele foi aprendido de outiva e não de leitura — percebe-se pela grafia. Por sinal que é um português fanfarrão, como os espanhóis dizem que nós somos e nós dizemos que eles são. Alí mesmo, na gordurenta promiscuidade da cozinha, atira com as caravelas à cara dos seus companheiros:

**Portugués.** Ollaila (sic)  
 Pois si Portugal querrá  
 Armar as suas caravelas?

(**Libros de Antaño, IX, pag. 368**)

O que segue não se pode transcrever... E' um Português de língua comprida, furiosamente anti-semita, que não esquece a Rua Nova, a artéria lisboeta da ostentação oriental:

**Portugués.** Naun zumbés,  
 Que Judas foi cordobés,  
 E muito ven se vos prova;  
 E Deus foi português  
 De meo da rua nova.

(**Ibidem, pag. 370**)

Como se há-de explicar a bastarda juxtaposição daquelas jornadas pastorís, burlescamente pastorís, a cenas de apoteose heróica? Só o profundo estudo comparativo dos textos, depois de ordenados por uma cronologia segura, poderá derimir este problema. Inhabilidade dramática ou falta de intenção é que não podia ter havido no autor da **Comedia Himenea**.

Para mim a **Comedia Trofea** é uma peça de imitação do ambiente e do processo vicentino. E tem um antecedente directo: o **Auto da Fama**, de 1510, em que a personificação da Fama celebra os serviços imperiais de Portugal e em que há igualmente a aliança híbrida do elemento pastoril, com suas chocarrices plebéias.

Longe de mim a veleidade de lhes trocar as voltas à fechadura, àqueles que estudaram com penetrante saber a irradiação da obra do forte homem de teatro, que foi Torres Naharro. Parece-me contudo notável que só numa obra dêle se encontre o ambiente ordinário do teatro vicentino e precisamente naquela que se destinava a honrar um grupo de Portugueses.

O estado actual do problema das relações entre os dois teatros é o seguinte:

a) Em 1900 Menéndez y Pelayo afirmou que a **Comedia do Viuvo**, de Gil Vicente, anunciava provavelmente o princípio da influência de Torres Naharro e com êle uma fase nova e mais importante da sua carreira (**Estudio Preliminar**, pág. LXXXVIII), mas pouco depois (pag. CXLI) restringia essa afirmação, ao considerar a divergencia das datas: a **Comedia do Viuvo** será de 1514 e a **Comedia Aquilana** é posterior de alguns anos. O dado mais concreto refere-se à métrica: Gil Vicente, no **Breve Sumario da Historia de Deus**, havia adoptado um invento de Torres Naharro, a combinação dos versos de arte maior com o seu hemistiquio.

b) Em 1930 o Prof. Gillet amplia o ponto de vista de Menéndez y Pelayo e estende uma ponte para o meu. Faz notar que as mais importantes peças de Gil Vicente, segundo a sua valorização, **Rubena**, **Ignez Pereira** e **Floresta de Enganos**, são posteriores à data da **Propalladia**, 1517. E quanto à **Comedia do Viuvo**, não crê impossivel que a **Aquilana** fosse conhecida antes de 1517. Prefere mesmo essa hi-

pótese à atribuição dos caracteres análogos das duas obras a uma fonte comum das novelas de cavalaria. Supõe o prólogo do **Auto Pastoril Português** indubitavelmente “naharresco” e vê no terceiro acto da **Ignez Pereira** vestígios do estudo aturado dos introitos da **Serafina**, da **Aquilana** e da **Trofea**. Aponta ainda outros dados impressionantes, como o da similhaça dos romances monorimicos à morte de D. Fernando de Castella e D. Manuel de Portugal, e conclue com este lampejo crítico: “It is not unlikely that Torres Naharro may have know and followed, e.g. in his **Trofea**, the practice of Vicente, a master of allegorical pièces de circonstance and his debt to Vicente in this respect may be more specific than has so far appeared”. (**Homenaje a Bonilla y San Martin**, vol. II, pags. 14-15).

Não é possível, por agora, derimir de maneira definitiva o pleito. Carecemos de um texto vicentino totalmente explicado ou lido integralmente e de uma cronologia segura desse teatro. Teofilo Braga, Remedios e Aubrey Bell ensaiaram quadros de ordenação cronologica, mas Braamcamp Freire retirou confiança às proprias rubricas dos autos. Mais de uma vez me pareceu que elas contrariavam o processo lógico e ascensional da carreira do artista. E, para bem compreender esta na sua originalidade e no seu movimento diferenciador ou creador, é necessario estudá-la dentro do quadro dos comediógrafos castelhanos e portugueses, cujos textos são ainda muito mal conhecidos. A iniciativa de F. M. Esteves Pereira com sua prestimosa colecção de **Monumentos da Literatura Dramática Portuguesa** não teve continuador. Só o Prof. Silveira Bueno, de São Paulo, voltou ao estudo de um desses textos: **Auto das Regateiras de Lisboa, composto por hum frade Loyo, filho de hũa dellas**, (São Paulo, 1939, 272 págs.).

Gil Vicente e Torres Naharro são auctores de linhagem dramática muito diversa. O primeiro é de origem medieval e peninsular, com influências de Juan del Encina, que é tambem um seu irmão mais velho pela sua proveniência do “misterio” e da pastoral. O segundo é de origem clássica, por via italiana. Até a maneira de designar as suas peças por um adjectivo extraído do nome do protagonista ou do caracter do ambiente da peça é de origem plauteana. En-

quanto o poeta português descobre dia a dia os seus processos, o segundo recebe a experiência toda percorrida e aproveitada dos antigos e dos seus imitadores italianos. Fixa a sua nomenclatura e as suas preferências entre as várias correntes dessa imitação. Tem a consciência crítica da sua posição, como confessa no **Prohemio**. Mas são contemporaneos, o português e o espanhol, ibericos, próximos parentes pela pátria e pela tendência do espírito, livremente erasmista. A influência de Gil Vicente sobre Torres Naharro seria de certo modo regressiva quanto às formas dramáticas e sua técnica, mas seria fecunda pela superioridade de inspiração lírica e artística, por todos os críticos reconhecida. A **Comedia Trofea** seria uma prova deste primeiro aspecto. A de Torres Naharro sobre Gil Vicente, se houvesse existido fóra da maneira limitada de sugestão de pequenos motivos e frases, havia de ser deformadora do verdadeiro character do teatro vicentino. Mas essa grande influência não existiu. Gil Vicente continuou até ao fim da sua carreira, meia duzia de anos após a morte de Torres Naharro, a escrever os seus autos breves, para o breve tempo de uma hora ou pouco mais, mixtos e heterogeneos no conteúdo, no tom e nas personagens, e num acto unico. Apenas a **Comedia de Rubena** ostenta a divisão “em três cênas”, mas três cênas que são três actos, coisa que lhe vinha de fonte anterior a Torres Naharro. Nas **Barcas** fala-se outra vez de “cênas”, mas agora as três cênas são três peças independentes, representadas em lugares e dias diversos. A terminologia dramática de Gil Vicente é muito flutuante. Apenas se poderia precisar a seguinte: **auto** é toda a obra drâmática, a qual pode ser “obra de devaçam”, se é de tema religioso, “farsa” se é “de folgar” e “tragicomedia”, se é mixta, realista e fantástica, histórica e alegórica, romanesca e aventureira. A palavra “argumento” e o hábito de o antepôr às peças apparecem logo em 1502, no **Auto Pastoril Castelhana**, mas sempre como coisa diversa dos “introidos e argumentos” de Torres Naharro, que são verdadeiros actos preliminares ou cênas de prólogo, estranhas por vezes ao tema das comédias. Isso, no teatro português de tradição vicentina, só apparece no **Auto de El-Rei Seleuco**, de Camões, — por sinal, com certa importância para a história externa do teatro, e dos costumes sociais

associados aos espectáculos, como já fez notar Teófilo Braga em **Escola de Gil Vicente e desenvolvimento do teatro nacional**, Porto, 1898, págs. 211-214. Pelo contrário, alguns dos caracteres da **Comedia Trofea**, de 1514, aparecem já no **Auto da Fama**, de 1510. Possivelmente haveriam chegado a Torres Naharro "pliegos sueltos" com obras de Gil Vicente, pelo menos tão possivelmente como a chegada a êle de qualquer notícia da **Comedia Aquilana**, antes da primeira edição da **Propalladia**. A grande repercussão política da época manuelina torna isso até mais provável; recordemos a tradição que refere a curiosidade de Erasmo por Gil Vicente. O teatro de Torres Naharro repetia, com maior talento dramático, os caracteres das comédias de Sá de Miranda, a que Gil Vicente era militantemente hostil, como homem na plena espontaneidade da aurora de uma arte, como um "Shakespeare inmaturo" (V. Damaso Alonso, **Poesias de Gil Vicente**, Mexico, 1940, pág. 16).

Já me parece mais para considerar o lugar ocupado por certo episódio da **Comedia Aquilana** na fortuna do tema da paixão do príncipe Antioco pela própria madrasta Stratónice, até chegar ao seu pleno desenvolvimento no **Auto de El-Rei Seleuco**, de Camões. A comedia de Camões terá sido escrita depois de 1542, quando já circulavam umas sete edições da **Propalladia** e quando a erudição renascentista já revelára as fontes clássicas do tema, das quais a preferida parece ter sido o **Liber de rebus Syriacis** de Apiano. Agora ha evidente progresso: o tema, divulgado pela novelística italiana, entra nas literaturas ibéricas por uma breve referencia na **Celestina**, passa a episodio embrechado na fala de um actor e completamente estranho ao entrecho da obra, com Torres Naharro. Uma vez passado ao teatro, é Camões que o eleva a tema central, com melancólico sentido lírico. A música e a dança acodem em auxilio. Ha ali uma confluencia de Torres Naharro, Gil Vicente e Camões. Juntando-lhe a proxima sugestão de Lope, Moreto poderia dar-nos um século depois **Antioco y Seleuco**, com toda a amplificação e ênfase. Mas a carreira literária desta lenda na península ibérica, aliada a um tópico da velha medicina, o "pulsus amatorius", já foi estudada pela Prof. Ruth Lee Kennedy, que nos deu flagrantes observações sobre rica documentação, ainda para áquem de Moreto (V. **The theme of "Stratónice"**



in the Drama of the Spanish Peninsula, in PMLA, vol. LV, New York, 1940, págs. 1010-1032).

Os estilos arquitectônicos dos dois teatros são completamente diversos. Nesta alta zona de individualidade não houve influência provavel senão a de Gil Vicente sobre Torres Naharro na **Comedia Trofea**, mas influência deformadora da estrutura típica da obra naharresca. Na zona inferior, apontam-se algumas aproximações textuais, motivos acessórios e frases. Neste caso, quando disponhamos dos indispensáveis instrumentos de trabalho, devemos procurar outros aspectos do problema: qual o verdadeiro sentido dessa osmose, do espanhol para o português ou vice-versa? Com perda ou ganho na expressão literária? E esse movimento não provirá de um fundo espiritual comum? O próprio Gil Vicente nos advertiu "...os antigos e modernos não deixarão cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descobrir" (*Epistola dedicatória a D. João III*).

Não é clássico, nem será italiano o elemento coral que aparece nalgumas comédias de Torres Naharro, aquele "vilancico" final da **Trofea**, da **Soldadesca**, da **Himenea**, e da **Jacinta**, em franca oposição às palavras de despedida do público e pedido de aplauso, à maneira dos antigos:

**Plaudite iam et valete.**

Verdadeiramente, na **Comedia Trofea** fundem-se as duas maneiras: a clássica e a do vilancico de Encina e Gil Vicente.

Este fecho clássico aparece nas outras quatro comédias, com variantes. Aquele outro, o do vilancico, é uma intromissão do teatro poético peninsular, que assim terminava as suas representações, desde Juan del Encina. Dois dos mais antigos autos de Gil Vicente, **Reis Magos** e **Sibila Cassandra**, fecham com um vilancete, sinónimo de vilancico. Depois, os outros fenecem com um "cantar", uma "cantiga", uma "chansoneta", uma "chacota", uma "soiça", uma "ensalada", mesmo uma "letra" e uma "prosa", mas sempre "com sua música". O vilancete final, com todos estes crismas, era como que um cordão umbilical a prender o teatro profano ao ventre da sua madre Igreja. Mas a palavra vilancete

parece que passou a designar a composição poética breve e popular, a um tempo festiva e moralizante, ao passo que a palavra irmã vilhancico, já grafada à portuguesa, designou a hipertrofia em gênero dramático litúrgico, sucessor empobrecido do "mistério", sem acção, mas com sua estrutura interna obrigada, coplas de pretexto para a música. Segundo o historiador da música em Portugal, Ernesto Vieira, o vilhancico viveu à sombra do culto católico até 1723, ano em que D. João V, o rei romanista e nada popularista, o expulsou dos templos (1).

Aos dois ambientes que se sucedem na *Comedia Trofea*, o alto e o baixo ou o alegórico e o real, correspondem dois estilos de linguagem: o urbano e o rústico. Este segundo estilo será mais ou menos o "sayagués" das eglogas de Encina e o beirão dos autos de Gil Vicente. Lá aparece cinco vezes aquela palavra perturbadora "soncas", tão perturbadora como a outra "samicas" e lá se inventam santos: San Pego, Sant Anton de Trasterriego, Sant pont'est' all ojo, San séculus meo... — invenção já parcialmente aludida pelo Prof. Gillet (*V. Hispanic Review*, vol. X, 1942, pags. 68-70).

- 
- (1) E' assunto delicado e atraente esta discussão do vilhancico. E comporta aspectos varios: a) o difficil problema das suas origens populares, castelhanas, andaluzas ou hispano-arabes; b) as suas relações com o teatro primitivo; c) a sua longa carreira como poemeto sacro, aliado à música e ao culto. Para um Brunetièrre exemplificaria flagrantemente a luta pela vida, na evolução dos generos, a sua convergência e a sua diferenciação e por fim o desaparecimento. Tal discussão foi recentemente aivada pela importante monografia da Irmã Mary Paulina St. Amour, *A Study of the villancico up to Lope de Vega: its evolution from profane to sacred themes, and specifically to the Christmas carol*, Washington, 1940, X-131 pags., sobre a qual se podem ler juizos de interesse na *Revista de Filologia Hispánica*, de Buenos Aires, vol. II, 1940, pags. 72-75, pelo Prof. Pedro Henriquez Ureña, e na *Hispanic Review*, de Philadelphia, vol. IX, 1941, pelo Prof. Gillet. Antes haviam proporcionado materiais e idéias Da. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Menéndez Pidal, Julián Ribera, Remedios, Rodrigues Lapa, Sahlin, todos apontados nas especies acima citadas. A discussão tem esclarecido mais a história da forma poética, a sua adesão ao teatro primitivo e a longa vida do genero poético-musical sacro do que a gênese do velho poemeto popular.

“Sayagués” significa, literalmente, o falar típico da comarca de Sayago, inçado de regionalismos e arcaísmos, obsoletos fóra dos confins da provincia de Zamora. Menéndez y Pelayo cria que o “sayagués” fosse uma geringonça convencional de origem literária. Devia ser uma coisa e outra: autêntica na base ou no ponto de partida e artificial no superior uso literário. Um fenómeno análogo ao moderno galego literário: autêntico na sua base oral ou viva e artificial, inçado de portuguesismos e de neologismos arbitrarios, como linguagem de literatos.

Sayago era uma Beócia castelhana. Os sayagueses, isolados na sua vida pastoril, eram insociaveis, obstinados nos seus hábitos primitivos, no seu falar cerrado e nos seus trajés peculiares. Formavam um singular contraste com os castelhanos de Toledo distante, um ambiente de côrte e cultura, que havia de sugerir ao Cardial Cisneros a sua Universidade de Alcalá, ou mesmo com a gente de Salamanca e os familiares dos Duques de Alba, a quem eram destinadas as eglogas dramáticas de Encina. Cervantes, pela bôca de Sancho, opõe o falar “sayagués” ao falar toledano; e Quevedo faz desse patronímico um sinónimo de rude.

Ora a comarca de Sayago é fronteira de Portugal, pelo norte da Beira, com a qual manteve sempre muitas relações, ainda que por vezes inamistosas por causa das querelas políticas das duas monarquias. Até fim do seculo XV o convívio dos dois povos vizinhos fazia-se principalmente por aquela fronteira. Depois é que a vida histórica portuguesa espanhola se deslocou para o sul: Alemtejo e Algarve, e Andaluzia. D. João II teve côrte em Evora, onde o visitou Colombo, e morreu no litoral algarvio; e os Reis Católicos incorporaram o último reino mouro do sul à vida castelhana. A Beira portuguesa era também, no conceito público, uma Beócia. Os portugueses orgulhavam-se de Viriato e dos seus pastores fundibularios, inimigos dos Romanos, mas tinham os serranos beirões pela gente mais bisonha do país. Torres Naharro não se esquece de dirigir aos Portugueses seus auditores esse grato cumprimento: descenderem de Viriato (*Jornada Primera*).

Quando a invenção dramática de Encina entrou em Portugal, veio pela fronteira da Beira, trazendo consigo a língua e o meio dos “labradorcillos sayagueses”, aos quais

correspondiam do lado português os serranos beirões. De um lado e de outro daquela Beócia castelhano-portuguesa se diziam provincianismos análogos, como aqueles desnorteadores “soncas”, “samicas” e “algorrem”. Portanto, a meu ver, o regionalismo beirão dos autos não sugere que Gil Vicente fosse natural da Beira, como quer Mr. Aubrey Bell, o primeiro a pô-lo em relêvo (V. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. IX, 1915, e *Estudos Vicentinos*, trad. port. de A. A. Doria, Lisboa, 1940, págs. 8-9), mas documenta que os autos vicentinos foram primitivamente beirões, pelo idioma e pelo ambiente, como imitação próxima ou fiel das églogas de Encina, “sayaguesas” pela língua e pelo meio representado.

Nas linhas iniciais do *Prohemio*, Torres Naharro compara modestamente as suas composições poeticas aos rusticos presentes do “labradorcillo” que oferece aos amigos as primicias ou novidades da sua terra com pura intenção. Tal oferta é o episodio dominante da quarta jornada da *Comedia Trofea*: os pastores trazem os seus presentes ao Príncipe D. João, tão silencioso a recebê-los, como D. Manuel I ao ouvir os preitos de vassalagem, na jornada anterior. Acudiu-lhe esta analogia do mundo das suas recordações reais da vida campezina ou do teor da vida “sayaguesa” ou beirôa, das églogas de Encina e dos autos de Gil Vicente? Não seria inverosímil esta segunda hipótese, porque a vida comum, transposta em arte, ganha um relêvo expressivo que ofusca a propria experiência.

Para o meu especial ponto, preexistência de uma atmosfera heróica, forjadora de valores lendários, que são a matéria épica futura, a *Comédia Trofea* contém dois elementos na sua parte extra-pastoril ou extra-jocosa: o protesto do geógrafo Ptolomeu e o desfile deslumbrador dos reis tributários de D. Manuel I. O primeiro é um requinte da hiperbole lisongeadora. Creio que tem sua originalidade no processo megalosico: os descobrimentos de D. Manuel ultrapassavam os limites que à Terra haviam fixado os geógrafos. O velho astrônomo egipcio acode das profundas a protestar, mas após a sua disputa com a Fama chega a uma fórmula de transacção, ainda grandemente lisongeira para os seus competidores lusitanos:

Sea así  
 Qu'él ganase hasta aquí  
 Algo que no screbí yo;  
 Sé que tampoco ganó  
 Todo cuanto yo screbí.

(Libros de Antaño, IX, pag. 244)

A carreira desta hipérbole, que está difusa em toda a primeira jornada, é de condensação; aparece em Camões reduzida ao quarto verso da primeira estância, “passaram inda além da Taprobana”, considerando esta como o limite do mundo, e às primeiras palavras da autobiografia do gigante Adamastor:

— “Eu sou aquele oculto e grande cabo,  
 A quem chamais vós outros Tormentorio,  
 Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,  
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio.

(Canto V, estancia L, ed. José Maria Rodrigues, Lisboa, 1931).

Torres Naharro respirou a irradiação da atmosfera heróica portuguesa, tão bem sentida por outros autores, que não eram fronteiriços da terra lusitana, como ele era; Angelo Poliziano (V. *Letras*, n.º 1, São Paulo, 1939, pags. 39-51), João Francisco Poggio (V. *Rebello Gonçalves, Filologia e Literatura*, São Paulo, 1937, pags. 465-473) e muitos outros humanistas e oradores coevos (V. *Achilles Pellizzari, Portugallo e Italia nel seccolo XVI*, Napoli, 1912, pags. 116-117 e *H. Trindade Coelho e Guido Batelli, Documentos para o estudo das relações culturais entre Portugal e Italia*, Florença, 1935). Mas o espírito realista e satírico do comediógrafo extremeño não soube extrair dessa atmosfera alentos fecundos para a sua arte.

Uma só vez lhe havia de ser profícua a sugestão do ambiente das navegações e dos descobrimentos — que tanto podia ser português como espanhol, mas que fôra originariamente português: quando lhe inspirou aquela metáfora náutica de abertura da *Propalladia*, metáfora tão acabada na sua figuração que parece transportar-nos ao gôsto cultista do século imediato:

“Parte la peregrina náo de los abrigados puertos de la occidental España, Ilustrísimo Señor, y contra el solar ocaso enderessa la desfrenada proa, encomendando el freno de su regimiento à la fidelísima popa; y, con hinchadas velas del próspero viento (arando las inquietas ondas con el húmil vientre, y por maravilloso aviso de la indiana piedra y singular industria de la marinera carta, no sin el alto consejo de los etéreos planetas), se pone en la confusa y marítima via, siguiendo cuanto ella puede la virtuosa voluntad de su patron, deseoso de dar à sus ojos nueva noticia de extraños pueblos, y de ennoblecere su ingenio, estimando más valer por más saber”.

Tão bem estilizava esta metáfora náutica o teor da vida de viagens e aventuras do seculo XVI que um actor dessas aventuras erradías, Alonso Enríquez de Guzmán, não hesitou em a plagiar para a adaptar à realidade da sua autobiografia de picaro ultramarino... (V. Gillet, *Hispanic Review*, vol. V, 1937, pags. 203-204).

São Paulo, Brasil, Novembro de 1942.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

# PROPALLADIA

## PROHEMIO

(Reproduzido de *Libros de Antaño*, IX,  
Madrid. 1880, pags. 7-11).

El pobre labradorcillo, por su fatal estrella encaminado desde los pueriles años para el litigio y largo contraste de la dura tierra, y por el asiduo uso aplicando y convirtiendo la dureza della en sus delgados cueros (empero, si yo no me engaño, con tenerísima voluntad), á los amigos y convecinos presenta y hace liberal parte de la primera fruta que de sus fatigas y arborcillos le nasce: cuya pura y humilde intencion no es ménos de agradecer que las soberbias mercedes de los altos príncipes. No sé agora yo si cuanta bondad puede haber en una sana intencion, como es la mia, será bastante á hacer grata y aceptable á los discretos lectores esta mi pobre y rústica composicion, como sea obra de mis manos, toda mi vida siervo, ordinariamente pobre, y, lo que peor es, *ipse semi-paganus*, &.

Yo, pues, soy perdido en este mi temerario viaje, si vuestra cortesía piadosamente no adoba lo que mi ignorancia presuntuosamente gasta. En todo caso converná, como humildemente os lo suplico, del bajo presente de mis primeras vigiliass no hagais caso, y rescibais (como de los virtuosos s'espera) la tierna y pura voluntad: pues que

*Haec facit, ut veniat pauper quoque gratus ad aras;  
Et placeat caeso non minus agna bove.*

Ménos mal me ha parecido haceros yo por mis manos este presente de cosa conosciadamente no buena, que esperar que por sus piés incorrecta y viciosamente á vuestra noticia

veniese; mayormente, que las más destas obrillas andaban ya fuera de mi obediencia y voluntad. Intitulélas **Propalladia**, a **prothon**, quod est **primum**, et **Pallade**; id est, **primares Palladis**, á diferencia de las que secundariamente y con más maduro estudio podrian suceder.

La órden del libro, pues que ha de ser pasto spiritual, me pareció que se debia ordenar á la usanza de los corporales pastos; conviene á saber, dándoos por antepasto algunas cosillas breves, como son los Capítulos, Epístolas, &; y por principal cibo las cosas de mayor subjecto, como son las Comedias; y por pospaso así mesmo algunas otras cosillas, como veréis. Quanto á lo principal, que son las Comedias, pienso que debo daros cuenta de lo que cerca dellas me parece; no con presunción de maestro, mas solamente para serviros con mi parecer, tanto que venga otro mejor. Comedia, segun los antiguos, es **civilis privataeque fortunae, sine periculo vitae, comprehensio**; á diferencia de Tragedia, que es **heroicae fortunae in adversis comprehensio**. Y segun Tulio, Comedia es **imitatio vitae, speculum consuetudinis, imago veritatis**. Y segun Acron, poeta, hay seis géneros de comedias, scilicet: **stataria, pretexta, tabernaria, palliata, togata, motoria**; y cuatro partes, scilicet: **prothesis, catastrophe, prologus, epithasis**; y como Horacio quiere, cinco actos; y sobre todo, que sea muy guardo el decoro, &. Todo lo qual me parece más largo de contar que necesario de oír. Quiero hora decir yo mi parecer, pues el de los otros he dicho. Y digo así: que Comedia no es otra cosa sino un artificio ingenioso de notables y finalmente alegres acontecimientos, por personas disputado. La division della en cinco actos, no solamente me parece buena, pero mucho necesaria; aunque yo les llamo **jornadas**, porque más me parecen descansaderos que otra cosa. De donde la Comedia queda mejor entendida y rescitada.

El número de las personas que se han de introducir, es mi voto que no deben ser tan pocas que parezca la fiesta sorda, ni tantas que engendren confusion. Aunque en nuestra **Comedia Tinellaria** se introdujeron pasadas veinte personas, porque el subjecto della no quiso ménos, el honesto número me parece que sea de seis hasta doce personas. El decoro en las comedias es como el governalle en la nao, el qual el buen cómico siempre debe traer ante los ojos. Es



decoro una justa y decente continuacion de la materia, conviene á saber: dando á cada uno lo suyo, evitar las cosas improprias; usar de todas las legítimas, de manera qu'el siervo no diga ni haga actos del señor; y e converso; y el lugar triste entristecello, y el alegre alegrallo, con toda la advertencia, diligencia, y modo posibles, etc.

De dónde sea dicha Comedia, y por qué, son tantas opiniones, que es una confusion. Quanto á los géneros de comedias, á mí parece que bastarían dos para en nuestra lengua castellana: comedia a noticia, y comedia a fantasía. A noticia, s'entiende de cosa nota y vista en realidad de verdad, como son *Soldadesca* y *Tinellaria*. A fantasía, de cosa fantástica ó fingida, que tenga color de verdad aunque no lo sea, como son *Serafina*, *Imenea*, &. Partes de comedia, ansí mesmo, bastarian dos, scilicet: *introito* y *argumento*. Si más os pareciere que deban ser, ansí de lo uno como de lo otro, licencia se tienen para quitar y poner los discretos. Ansí mesmo hallarán en parte de la obra algunos vocablos italianos, especialmente en las comedias, de los cuales convino usar, habiendo respecto al lugar y á las personas á quien se recitaron. Algunos dellos he quitado, otros he dejado andar, que no son para menoscabar nuestra lengua castellana, ántes la hacen más copiosa. Como quiera que sea, os suplico de lo que no he sabido usar me perdonéis, y de lo que á vuestro propósito estoviere deis las gracias á Dios; pues que

Est Deus in nobis; et sunt commercia coeli.  
Sedibus aetheriis spiritus ille venit.



COMEDIA TROFEA



## INTROITO Y ARGUMENTO.

Dios mantenga de rondon;  
No quede dueño ni dueña,  
Y el Obispo d' Estordeña  
Vos dé la su bendicion.  
No me daba el corazon  
¡Por san Pego!  
Que vernían á este juego  
Tanta gente. ¡Juri á mí!  
Toda 'll igreja está aquí,  
Que no marra sono el crego.  
Jur' á la grulla del ciego,  
Si quereis,  
Que otro mijor no halleis  
De lo que yo puedo ser;  
Mas habéisme d' ofrecer,

Como á los otros haceis,  
Buenas tortas, ya sabeis,  
Lo primero;  
Gallinas, cera y dinero,  
Que todo lo tomaré;  
Y an será bueno, á la fé,  
Para Pascua algun cordero.  
Ya sabeis como lo quiero  
Por probar  
Si podria yo engordar  
Como estos cabezmordidos  
Que andan gordos, embotidos,  
Hin que quieren reventar.  
Ya yo sabría cantar  
Bien aína  
Toda la salvarregina  
Por el són de mi villorio,  
Hin al **Dios menajotorio**  
**D' aljobando mafestina.**  
Ya sé tambien que decrina  
Lugo arreo  
**Dominos dominos meo**  
Con la media alimacriste,  
Y el cara m'arrebolliste  
De la **jodícame Deo.**  
Y an confesar cuido y creo  
Que sabría;  
Son que lugo asolvería  
Las mozas en mi concencia.  
Maldita la penetencia  
Qu' en mi vida les daría.

Y hora m'acuerdo que un dia  
So 'il otero,  
Cuando yo hu viñadero  
D' allá de la Costanilla,  
Que os apañé á Marenilla  
La hija del molinero.  
Y ella deja el solombrero  
Por correr;  
Aguijo á más no poder  
Y atajo por Valtomillo,  
Para tapalle el portillo  
Si la podiera coger.  
Y ella váseme á meter  
Tras un seto:  
Yo la veo y arremeto;  
Voy, aquí toma, allí toma...  
Lóbado malo me coma  
Si no os la puse en aprieto.  
Yo quedé tan cachiprieto  
Desd' allí,  
Que decía acá entre mí:  
¡Quién te toviese, Marina,  
Hecha sopas con cocina  
Para hartarme de tí!  
Desque d' ella me partí,  
No me harto  
De pensalla cuarto á cuarto  
Acos bezachos torrados,  
Como terron quebrados,  
Branditos como un esparto.  
Sono que estando de parto,

Sen catarse,  
Comenzó allá d' achacarse  
No sé qué en el paridero,  
Que en ántes d' un mes entero  
Vino el diäbro á finarse.  
No puede 'il hombre acordarse  
De Marnilla,  
Que no llore de mancilla,  
Maxcando cualquier vocabro,  
Y que no se dé al diäbro  
Hin que no quede costilla.  
Matase mora ranilla  
Todo entero;  
Lóbado m' entre nel cuero  
Que me finase de triste.  
¡Noramala acá naciste,  
Marnilla, tetas de suero!  
¡Ay, perraza, que me muero!  
¡Ay, cuitada!  
¡Ay, boquita mallograda,  
Dentecitos de caballo!  
¡Ay! Dom' á Dios, que no hallo  
Alimaña tan pintada.  
Harto te tengo llorada  
Desd' antaño,  
Cuando, guardando el rebaño,  
Me topé con Gil Granzones,  
Que l' eché más repullones  
Que dias hay en el año.  
Mil pullas os l' embaraño  
Naquel dia;



Froquéle cuantas sabía  
Hin á veinte abecedarios,  
Porque sé sus calendrarios  
Mijor qu' ell Ave María.  
Comencé la primería  
Las honradas,  
Y salté en las desposadas,  
Y tras éstas las machorras,  
Y lugo las pasa-borras,  
Y acabé en las descaxcadas.  
Mas tal iba, y tal, aosadas,  
El hacino,  
Que no acertaba el camino  
De turbado y de corrido,  
Como si hobiera bebido  
Treinta tinajas de vino.  
Callai, que burlan contino  
Los señores  
De mosotros los pastores  
Y de nuestros pobres trajes,  
Porque ellos sorben potajes  
Y mil suertes de sabores,  
Y enfingen de muy doctores.  
Y á mi ver,  
Si me querrán entender,  
Yo les entiendo á decir  
Que coman para vivir,  
No vivan para comer.  
Porqu' el hombre de saber,  
Varonil,  
Come lo justo y gentil,

Y acrecienta sin compás  
Al cuerpo treinta años más  
Y all alma trecientos mil.  
Que en este mundo cevil  
Los manjares  
Träen los males á pares  
Y las dolencias á cargas,  
Hacen las vidas amargas  
Con mancillas y pesares.  
A la fé, pues juri á mares  
Que á los chicos,  
Aunque mos dan los zaticos  
Y el vino hecho vinagre,  
No mos verná la polagre  
Tan presto como á los ricos.  
Pues aguzadme esos picos  
Al tragar:  
Que todo s' ha d' escotar  
Al salir d' estos pellejos,  
Y estos dineros añejos  
Aun caro habrán de costar.  
Jur' al cieno de la mar  
Qu'es gran mal,  
Dejando todo lo al.  
Y habrando sen desden;  
Que por esto quiero bien  
Al buen Rey de Portogal.  
A la fé, no hay otro tal,  
¡Dios te praga!  
Contino busca qué haga  
Y en qué gastar sus tesoros,

Y os hace cagar los moros  
Todo el tiempo que le vaga.  
Sabed que d' esto se paga,  
Bobarrones,  
Que alabais otros garzones  
Porque mil gracias tovieron,  
Y en su vida no supieron  
Salir de tras los tizones.  
Deciros han mil canciones  
De hulano:  
Qu'es virtuoso y humano,  
Qu' es muy honrado por sí,  
Qu' ántes s' iba por ahí...  
Cada ruin nació temprano.  
Yo que soy medio villano,  
Y otros tales,  
No somos tan alimales  
Que mil gracias no tenemos  
Cuantas honras mos hacemos  
Unos á otros zagales.  
Diz que ellos son liberales  
De contino:  
Pues d' un poquito de vino  
Y d' un pan que Dios me dió  
Tan liberal me soy yo,  
Pues parto con mi vecino.  
Mia fé, aqueste no es camino  
D' alabar;  
Y dejémonos estar  
Á quien tenga gracias muchas;  
Son que quien quiere las truchas

Las bragas se ha de mojar.  
Mas ofrézome á la mar,  
Juri á mí,  
Que olvidado se me habí  
De decir á qué venía:  
Mia fé, por dar alegría  
Á cuantos estais aquí.  
Y entiendo que será ansí  
Sin faltar:  
Por eso os quiero anunciar  
(Si quigerdes atender)  
Que una comedia ha de ser  
Que os vernán á rescitar.  
Pues si bien quereis notar,  
Buena gente,  
Esta comedia siguiente  
Se parte en cinco jornadas.  
Por mí vos serán nombradas  
Una á una en continente.  
Entrará primeramente  
Una dama,  
Y aquesta será le Fama,  
Löando al Rey lusitano  
Que ha ganado por su mano  
Mucho y mucho, y nunca atama.  
Y á las voces que derrama  
Do stará,  
Ptolomeo le saldrá  
Diciendo que stá espantado  
De haber aquel Rey ganado  
Lo qu' és escripto no ha.

Como ésta cuestion será  
Disputada,  
Ella se va á su posada  
Y él al infierno tornó.  
Hasta entónces cuido yo  
Qu' es la primera jornada.  
Tardarán poco ó no nada  
Dos pastores,  
Que se llaman los traidores  
Caxcolucio y Juan Tomillo;  
Mándalos un pajecillo  
Que vengan por barredores,  
Porque Reyes y Señores  
Más de veinte  
En esta sala presente  
Viene á besar cada cual  
Al buen Rey de Portugal  
Piés y manos juntamente.  
Los villanos ;mala gente!  
Chufarán;  
Con el paje se pornán  
En no sé qué barahunda,  
Y á la jornada segunda  
Partiéndose fin darán.  
Luégo los Reyes vernán:  
Y será  
Que un intérprete verná  
Que entiende bien su decir,  
Y al Rey ha de referir  
Lo que cada cual dirá.  
Todo aquesto pasará

De manera  
Que, los Reyes idos fuera,  
Sin otra más dilacion  
Sentiréis la conclusion  
De la jornada tercera.  
Vienen luégo como quiera  
Del ganado  
Cuatro pastores de grado  
Con presentes al chiquillo:  
Caxcolucio y Juan Tomillo,  
Mingo Oveja y Gil Bragado.  
Y el paje qu' es ya nombrado  
Les saldrá,  
Y como él los llevará  
Á beber muy bien aosadas:  
La cuarta de las jornadas  
Entónces acabará.  
Tras esto luégo verná,  
Y áun ¿qué tal?  
En su carro triunfal  
Apolo versos cantando,  
De Don Juan pronosticando  
Príncipe de Portugal,  
Y con voz angelical  
Lugo llama  
Á la buena de la Fama  
Y se los da por escripto.  
La Fama poco á poquito  
Por la sala los derrama.  
Derramándolos la dama,  
Sin tardar

Sè los sale á demandar  
Mingo Oveja, aquel, matiego:  
La quinta jornada luégo  
Sé que tiene de acabar.  
Lugo dirán un cantar  
Que se ordena:  
Pues si no rescebís pena,  
Para que vais más contentos  
Estad, señores, atentos  
Y quedai en hora buena.

## JORNADA PRIMERA.

---

FAMA.—PTOLOMEO.

*Fama.* Vayan mis voces ufanas,  
Que agora podrán hallar  
Las puertas de par en par  
Y las vías todas llanas.  
¡Oh buenas gentes cristianas!  
Justo fuera  
Tomar ejemplo y manera  
D' este Rey Emanüel,  
Por virtud, según aquel,  
Ó de invidia, ó como quiera.  
Yo soy la Fama parlera,  
Blanda y dura,  
Que con esta tal ventura,  
Con nuevas tan excelentes  
Quiero suplir en las gentes  
Muchas faltas de natura.  
Yo soy cierta y bien segura



Sin afán,  
Que por do quiera que irán  
Mis voces á dos partidos,  
Los sordos ternán oídos  
Y los mudos hablarán.  
¿Cómo no se espantarán,  
Bien mirado,  
Los que bien habrán notado,  
D' este Rey de tanta gloria,  
Si para tanta memoria  
Tantos reinos ha tomado?  
Grande es el bien que ha ganado  
Por sus manos;  
Qu' es amigo de cristianos  
Como á cristiano conviene,  
Y osa gastar lo que tiene  
Contra moros y paganos.  
No como algunos tiranos  
Impacientes  
Que siempre á regañadientes  
Quieren comer á sus padres,  
Y deshacer á sus madres,  
Y consumir sus parientes.  
Ciertas maneras de gentes  
Mal vezadas,  
Como gallinas malvadas  
Que se crían en litijos  
Y quieren tan mal los hijos  
Que los matan á picadas,  
Con vicios buscan, aosadas,  
Gloria vana:

No como aqueste que afana;  
Que, notando el nombre d' él,  
Quiere decir Manüel  
Qu' él por su mano lo gana.  
¡Buena gente Lusitana!  
Por que acierte  
No le quitemos su suerte,  
Su gloria ni su tesoro,  
Pues escribe Dïodoro  
Ser d' España la más fuerte.  
Supieron tomar la muerte  
Sin reveses  
Y emplear bien sus arneses  
Contra los sus enemigos;  
Y áun romanos son testigos  
De quien son los portogueses.  
¡Cuán muchos años y meses  
En su tracto  
Supieron guardar su hato  
Dados de gana al afán,  
Teniendo por capitan  
Al inmortal Viriato!  
Pues éste por quien debato  
Cuanto quiera,  
No temo jamás que muera  
Segun entiendo que vive,  
Ni que la muerte lo prive  
De la vida verdadera.  
¡Por cuán laudable manera,  
Como veo,  
Con cuán honesto deseo,

Con cuán sanctísimas guerras  
 Ha ganado muy más tierras  
 Que no scribió Ptolomeo!  
 Ptolomeo, agora creo  
 Que tu Fama  
 No terná tan alta rama  
 Como tuvo hasta aquí.

*Ptolomeo.* ¿Qu' estais diciendo de mí?  
 Descortés sois para dama.

*Fama.* Gentil hombre, ¿quién os llama?

*Ptolomeo.* Vos, señora.  
 ¿Porqué sois tan habladora  
 Que, debiendo serme esclava,  
 Del infierno donde estaba  
 Me haceis salir agora?

*Fama.* Por mi fé que en mí no mora  
 Tal error.

*Ptolomeo.* ¿Cómo, y quitaisme el honor  
 Que mi trabajo meresce?

*Fama.* Y á quien lo do ¿no os parece  
 Que le conviene mejor?  
 ¿Cuál honra piensa, señor,  
 Conseguir  
 El que no sabe decir  
 Cuanto un otro sabe obrar,  
 Como éste supo ganar  
 Más que no vos escrebir?

*Ptolomeo.* ¿Pues quereisme referir  
 Brevemente  
 D' ese Rey tan excellente  
 Qué nuevas tierras ganó?

*Fama.* Eso, señor, haré yo,  
 Pues verdad me lo consiente.  
 Él ganó primeramente  
 Por verdad  
 Á Zafí, gran ciudad,  
 Y á Almedina, no menor,  
 Y á Mazagán y Azamor,  
 Todas casi en vecindad.  
 Más ganó Su Majestad  
 Á Tité  
 Y otras muchas, que no sé  
 Cómo te pueda contallas;  
 Pero si quieres y callas  
 Algo d' ello te diré.

*Ptolomeo.* Ciertamente holgaré.

*Fama.* No te pene:  
 Qu'este Rey posee y tiene,  
 Y terná miéntras Dios quiera,  
 La isla de la Madera  
 Que de azúcar nos mantiene.  
 Y más saber te conviene:  
 Que á Guinea  
 Este Rey la señorea,  
 Y á Mandinga que propongo,  
 Y á Gelof, y al Monicongo,  
 Que en servir á Dios se emplea.  
 Mas quiere Dios que posea,  
 Por ser tal,  
 So su corona real  
 Milindo, y Ornuz, y Adén,  
 Y áun á Cefala tambien,

Que todo es buena señal.  
Y otro reino principal  
De Goá,  
Y á Narsinga y Cambayá,  
Y otro reino de Caúl,  
Y el reino dicho d' Abúl,  
Y el otro de Bemtumlá.  
Tiene, mientras Dios querrá,  
Todavía  
So su mando y señoría  
Otro Rey de Cananor,  
Y el de Cochín, qu' es la flor  
De toda la speciería.  
Tambien tiene y poseía  
Sin afán  
Otro reino de Cilán  
Donde ricas piedras saca;  
Tiene el reino de Malaca  
De donde parias le dan.  
Muchas más tierras están  
So su mando,  
Todas á Dios alabando.  
Si las quisiese contar,  
Y aunque pensase acabar,  
No sé yo cómo ni cuándo.  
Dios ha puesto de su bando  
Ricos hados;  
Pero son tan extremados  
Y tan anchas sus victorias,  
Que escurescen las memorias  
De grandes reyes pasados.

*Ptolomeo.* ¡ Oh cuán bienaventurados  
Son y fueron  
Los que en tu gracia cayeron,  
Segun hablas con pasion,  
Y de cuánta maldicion  
Los que tu gracia perdieron!  
Pues muchos que te siguieron  
De su grado,  
Y en tu servicio y mandado  
Te presentaron la vida,  
Por tu fé mal comedida,  
¿Qué bien les tienes guardado?  
¿Sabes qué más he notado  
De tus cosas?  
Que paras, dices y glosas  
Y á los unos te convidas,  
Por otra parte te olvidas  
Mil personas virtuosas.  
Si no te son odiosas  
Mis razones,  
Mira cómo tus pregones  
Se podrían reprobear;  
Que nunca sabes loar  
Sino los grandes varones.  
Los de pobres condiciones,  
Á mi ver,  
Lo habian más menester  
Siendo buenos y escogidos;  
Que por no ser conocidos  
Les fallesce que comer.  
Como á la buena muger

Te dirán  
Que vive siempre en afán,  
Con tan poca discrecion,  
Que á uno le hace don  
De cuanto muchos le dan.  
Los que á mí culpar querrán,  
Bien mirado,  
Me ternán por excusado  
Sin culparme de ligero,  
Aunque deje en el tinero  
Las tierras que él ha ganado.  
Mis ojos han bien quemado  
Sus dos cejas;  
Tú te buscas y aparejas  
Dos mil maneras de menguas,  
Pues que Dios te dió mil lenguas,  
Mil ojos y mil orejas.  
Si conmigo te consejas  
Vives mal,  
Aunque el Rey de Portugal  
Merezca toda esa gloria:  
Sino que tengas memoria  
Del bueno y del comunal.  
*Fama.* Quien á tí te oyere tal  
Y en tal fiesta,  
Ternáme por deshonesto  
Segun verán que te entablas.  
Pues no quiero que tus hablas  
Se vayan sin la respuesta.  
Sábeta qu' es manifesta  
Mi manera,

Y que no soy lisonjera  
Ni tampoco aficionada;  
Antes soy tan bien mirada  
Que me acuerdo de cualquiera.  
Mas como soy pregonera  
De verdad,  
No pregono en igualdad  
Al Rey con un caballero;  
Sino que miro primero  
La persona y dignidad.  
Y vista la cualidad,  
Es razon  
Que haciendo mi pregon,  
Aunque sea de infinitos,  
Dar por unos grandes gritos,  
Por otros como quien son.  
Por ende, con discrecion  
Piensa en al,  
Que á todos en general  
Les mantengo su partido;  
Sino que tú no has oido  
Las voces de cada cual.  
Y este Rey de Portugal  
Por quien velo  
Me ha causado que del suelo  
Mis pregones tales fuesen,  
Que en el abismo se oyesen  
Y en el más subido cielo.  
No pongo de más un pelo,  
Porque así  
Llevo á todos cuantos vi



Por sus medidas medidos:  
 La culpa de tus oídos  
 No me la cargues á mí.  
 Y no te partas de aquí  
 Si querrás,  
 O ponte donde verás  
 Como de reyes paganos  
 Aquí le besan las manos  
 Bien veinte reyes ó más.

*Ptolomeo.* Tantas cosas me dirás,  
 Si he notado,  
 Que me harás espantado.  
 Y áun que me cumple poner  
 En parte do pueda ver  
 Si es verdad lo que has hablado;  
 Porque licencia he tomado  
 De Pluton  
 Hasta ver la conclusion  
 De lo que tú me ponías,  
 Yo terné modos y vías  
 Para mi satisfacion.  
 Si estas cosas así son  
 Que refieres,  
 No me atiendas ni me esperes,  
 Piensa que soy satisfecho;  
 Donde no, con gran despecho  
 Saltaré donde estuvieres.

*Fama.* ¿Pues dónde piensas ó quieres  
 Esperar?

*Ptolomeo.* ¿No ves que puedo dejar  
 Este cuerpo que tomé?

Pues el alma sabes que  
Donde quiera puede estar.  
Tú puedes irte á holgar  
Do mandares;  
Y otra vez cuando hablares  
No me tractes de enemigo,  
Porque puedo ser contigo  
Cuando tú no te catares.  
Al ménos cuando contares  
Por tal vía  
De personas de valía  
Sus triunfos y victorias,  
Ya puedes dalles sus glorias  
Sin quitarme á mí la mia.  
Y escucha por cortesía:  
Sea ansí  
Qu' él ganase hasta aquí  
Algo que no screbí yo;  
Sé que tampoco ganó  
Todo cuanto yo screbí.  
¿Pues quieres honrarme á mí  
Y acertar?  
Cuando lo querrás loar  
Tanto que no me ofendieres,  
Lóalo cuanto quisieres,  
Que yo te quiero ayudar.

---

## JORNADA SEGUNDA.

---

CAXCOLUCIO.—JUAN TOMILLO.  
—PAJE.

- Caxco.* La sala, soncas, es ésta  
Que tenemos de barrer.
- Juan.* ¿Qué quieren aquí hacer?
- Caxco.* Algun diábro de fiesta.
- Juan.* Y aquella silla allá puesta  
¿Qué semeja?
- Caxco.* La tribuna dell igreja  
Do se asienta nuestro cura.
- Juan.* ¡Do al diábro tal hechura!  
No caigo nesta conseja.
- Caxco.* Parta, parta, hi de neja,  
Juan Tomillo,  
Verás si me encaramillo,  
Sentaréme de verdade.
- Juan.* Hora, pues, sé tú 'l abade,  
Yo seré tu monacillo.

- Caxco.*     ¿Quieres que cante un poquillo  
              Como el crego?
- Juan.*       A la fe que te lo ruego.  
              Mas dí la crialaison.
- Caxco.*     No iñoro pizca del son.
- Juan.*       Dí, pues, algo palaciego.
- Caxco.*     ¿Quiés que diga, jur' al ciego,  
              La compreta?
- Juan.*       Mas dí la tu chanzoneta  
              Por mifasoles y cantos.
- Caxco.*     Mas quiero echar más disantos  
              Que llevará una carreta.
- Juan.*       Yo te mando una gujeta  
              Sin cordojo.
- Caxco.*     Señores, no hayais enojo  
              Mientra tomardes pracer,  
              Qu' el lúnes, si Dios quiger,  
              Será Sant pont' est' all ojo.  
              Y en el viejo meart' he 'll ojo  
              De Llorente,  
              Dice qu' el mártes siguiente  
              Será San séculus meo,  
              Y el miércoles lugo arreo  
              Será pestojo nocente,  
              Y el juéves, encontinente...  
              ¡Ho mal grado!  
              Qu' el disanto más honrado  
              Era aquel de mi terruño,  
              Qu' es más gordo qu' este puño,  
              Sono que se me ha olvidado.  
              ¡Dom' á Dios, que s' m' acordado!

- ¡Dolo á huego!  
Sant Anton de Trasterriego.  
Y éste dice Pero Mingo  
Que como al Santo Domingo  
Lo manda guardar el crego.  
*Juan.* Á la fe que te la niego,  
Compañero.  
No te ahucio por entero  
La cuenta del calendario  
Ni me paresces vicario,  
Sino abad y ballestero.  
Martillazo de herrero  
Con dos manos  
Te hunda los caxcos sanos  
Y te dé tan mal cordojo,  
Que no te coma el piojo  
D' estos ochenta veranos.  
*Caxco.* Malos perros y gusanos  
De natura  
Te saquen ell asadura  
Por detras, por más donaire;  
Tu mujer se lleve un fraire;  
Tú te mueras de tristura.  
*Juan.* Dios te dé tan ruin ventura,  
Que á lo ménos  
Reventases por los senos  
Ó por otras veinte partes,  
Y en tu vida no te hartes  
De criar hijos ajenos.  
*Caxco.* Tus hados tornen tan buenos,  
Mi carillo,

Que no habres más que un grillo;  
 Y el punto que no callares,  
 La boca con que habreres  
 Se te pase al colodrillo.

*Juan.* Pues ¡guarte de Juan Tomillo!  
 No te alabo:  
 Mas de tí veas mal cabo;  
 La vista tengas perdida;  
 No veas más en tu vida  
 De los ojos que del rabo.

*Caxco.* Juan Tomillo, ¿tornas bravo?  
 Pues espera.  
 Las burras que tienes huera  
 Te las coman lobas viejas;  
 Nunca paran tus ovejas  
 Ni nazca tu sementera.

*Juan.* El tu morueco se muera  
 De no nada;  
 Húrtente de la majada  
 Los pratos y ell escodilla,  
 Y veas mala mancilla  
 De la tu perra manchada.

*Caxco.* No te den otra soldada  
 Son pesar;  
 Y al tiempo de repastar  
 Se te muera el tu mastin,  
 Y nunca halles de ruin  
 Quien te lo ayude á enterrar.

*Juan.* No te quiera perdonar  
 Dios del cielo,  
 Y á Roma por ese suelo

- Te manden por la indulgencia,  
 Y dente por penitencia  
 Que comas siempre en tinelo.
- Caxco.* Dios te dé laceria y duelo  
 Si querrás,  
 Y nunca tengas jamás  
 Que comer son pan de soma,  
 Ni te falte preito en Roma  
 Los dias que vivirás.
- Juan.* La vegilla de San Bras  
 Los zagales  
 Te arrojen pullas mortales  
 Hasta que quedes vencido,  
 Y te vayas de corrido  
 Por esos handurriales
- Paje.* ¡Oh villanos mazorrales!  
 ¿Vistes vos?  
 ¿N' os he pagado á los dos  
 Porque barrais esta sala?  
 ¡Saltad fuera enhoramala!
- Juan.* ¡Tomad qué, cuerpo de Dios!
- Caxco.* Pues no t' arrimes á nos.
- Paje.* Dí, bestial,  
 ¿Y eres tan gran animal  
 Que más cosas no mirabas  
 Sino que así te asentabas  
 En una silla réal?
- Juan.* ¿Y era peccado mortal?
- Paje.* ¡Qué placer!  
 El mayor que pudo ser.  
 Bien tienés que confesar.

- Caxco.* Y el cura de mi lugar  
Sé que bien puede asolver.
- Paje.* Par Dios, habrá que hacer.
- Caxco.* ¡Ho, mal grado!  
Que aquel me lo ha aconsejado.
- Juan.* Mia fe, no dices verdá.
- Caxco.* Juan Tomillo, tent'allá  
No vayas descalabrado!
- Juan.* ¡Oh hideputa azotado,  
Res maldita!  
¿Habrando de paporrita  
Llevantas tal testimonjo?
- Caxco.* ¿Y hasme de sacar ell ojo  
Por aquella palabrita?
- Juan.* Tengo razon anfenita.
- Paje.* Baste, pues.  
Nadie sea descortés,  
Que os porné por los cabellos  
Sendos cepos á los cuellos  
Y cadenas á los piés.
- Caxco.* Tómate, pues que así es,  
Tu dinero.
- Paje.* Mi fe, agora no lo quiero  
Que no hay tiempo para nada.  
Por la burla señalada  
Y' os haré mudar el cuero.
- Juan.* Tiempo tenemos, empero,  
De barrer.
- Paje.* Digo que no puede ser,  
Que los Reyes vienen ya.
- Juan.* Soncas, tenevos allá



- Que no m' habeis de comer.  
*Paje.* Aquí no os cumple poner  
 En canciones,  
 Sino que en fin de razones  
 Quiero que vais en galera.  
*Caxco.* Dom' al diablo siquiera  
 Con tantos estropezones.  
 Vengan dos mil maldiciones  
 Sobre mí,  
 ¡Porque soy venido aquí  
 Dond' hay tan poca justicia!  
 Doy á rabia la codicia  
 D' un negro maravedí.  
*Juan.* ¡No te lo dije yo á tí?  
*Paje.* No haya más.  
 ¡Vén acá: qué me darás?  
 Quizá te perdonaré.  
*Caxco.* Juri á la grulla, que os dé  
 Hasta tres brancas ó más.  
*Paje.* Antes quiero, si querrás,  
 Por holgar,  
 Que me digais un cantar  
 Tú y él, entrambos á dos.  
*Caxco.* Que nos praxe, ¡juri á nos!  
 Y an que queremos bailar.  
*Juan.* ¡Quiéreslo tú comenzar?  
*Caxco.* ¡Mia fe, ha!  
*Juan.* Pues apartatem' allá.  
 Repica la zapateta,  
 Descaxca la castañeta.  
*Caxco.* Juri á diobre, bien será.

- 
- Caxco.* Y á la orilla, Marnilla,  
Y á la orilla.
- Juan.* Y á la orilla, Marnilla,  
Y á la orilla.
- Caxco.* Y an estábase Marnilla  
Y á la orilla d' un arroyo,  
Y an d' allá dell otra parte  
Se le parescía ell otro.
- Juan.* Y á la orilla.
- Caxco.* Y an d' allá dell otra parte  
Se le parescía ell otro.  
Piernas tiene la bellaca  
Que se las doy al dimoño.
- Juan.* Y á la orilla.
- Caxco.* Piernas tiene la bellaca  
Que se las doy al dimoño.  
Derroquéme por habralle,  
Y envióme para bobo.
- Juan.* Y á la orilla.
- Caxco.* Derroquéme por habralle,  
Y envióme para bobo.  
Tan pasmado estaba 'll hombre  
Que se le caía el moco.
- Juan.* Y á la orilla.
- 
- Paje.* Hora, hermanos, dad acá.  
Yo quisiera,  
Pues que va d' esa manera,  
Y pues perdonaros quiero,  
Que diga allá el compañero

- Otro cantar cual se quiera.
- Juan.* ¡Que me prace! Mas espera,  
Hi de vieja;  
¿Quiés que diga la conseja  
Que te dije en Malpartida?
- Caxco.* Dila, hermano, por tu vida.
- Juan.* Mas es un poco bermeja.
- Caxco.* Si, que no stás nell igreja  
Consagrada.
- Juan.* Pues no digas cosagrada.
- Caxco.* ¿Sino qué?
- Juan.* Ni sino qué.
- Caxco.* ¿Callaré?
- Juan.* Ni callaré.
- Caxco.* Pues ¿no nada?
- Juan.* Ni nonada.  
No le des tú esa palmada.  
Ves aquí:  
Ni l' has de hacer ansí,  
Ni tú no t' has de reir.
- Paje.* Dila, si quieres decir;  
Sinó, partirme he de tí.
- Juan.* Que sí quiero, ¡juri á mí!
- Paje.* Dí pues, ca.
- Juan.* Diz que norabuena sea.  
S' era y s' era de contino  
Que s' iban por su camino  
Todos tres en gran pelea.
- Caxco.* No medre quien ge la crea.
- Juan.* Maxmordon,  
¿No quieres callar aón?

- Pues no quiero decir más.
- Paje.* Acaba ya si querrás.
- Juan.* Mia fe, llegan á un meson.
- Paje.* Pues dinos, ¿los tres quién son?
- Juan.* ¿Que os lo diga?  
Un mulo y una hormiga  
Y un raposo muy artero,  
Que llegando el mesonero  
Les dijo: ¡tomá una higa!  
*Caxco.* Seca, hermano, tal espiga.
- Juan.* ¡Qué pracer!  
Si tú m' has de responder  
Nunca yo la acabaré.
- Paje.* Sús, acaba por tu fe.
- Juan.* Que no los quiijo acoger;  
Y el zorro con su saber  
Se metió,  
La hormiga se coló...  
*Caxco.* Compañero, ¿pues el mulo...  
*Juan.* Mia fe, besaldo nel culo.
- Caxco.* Juro á diez, que me tomó.
- Paje.* ¿Pues hora no sabré yo...  
*Juan.* Dime qué.
- Paje.* Digo ¿que yo no sabré  
Dónde sois dos hombres tales?
- Caxco.* Yo so d' aquí de Canales.
- Juan.* Y an yo so, digo, á la fe.
- Paje.* Abrenuncio Satané.  
Mas, empero,  
Lo que de vosotros quiero,  
Si vos plugiere con todo,

Pagaros he á vuestro modo  
De mes á mes en dinero.  
Porqu' este lúnes primero,  
Sin faltar,  
Mi señora quiere dar  
Á labrar toda su huerta.

*Caxco.* Pues no steis más en rihierta,  
Yo se la sabré regar.

*Juan.* Y an yo sé bien ahondar,  
Si no yerro;  
Prantar ell ajo y el puerro,  
Trasponer muy bien el nabo,  
Que nunca me doy un crabo  
Por afanar com' un perro.

*Caxco.* ¿Voime yo á la frol del berro  
Todo 'l dia,  
Como el hijo de tu tía  
Que halla el disanto luego  
Y aunque nojomande el crego  
¿Él lo guarda todavía?

*Paje.* Dejemos esta porfia,  
Dad acá  
Lo cierto: ¿cuánto será  
Lo que quereis cada mes?

*Juan.* Cuatro réales ó tres,  
Como mos dan por allá.

*Caxco.* Y an sin eso se mos da  
Buena y sana  
Nuestra cubierta de lana  
Donde repose la cholla;  
Los domingos salsa y olla,

- Pan y queso entre semana.  
*Paje.* Pláceme: de buena gana  
 No me curo,  
 Mas querría star seguro  
 De lo que habeis dicho aquí.  
*Caxco.* Yo beso esta cruz por mí,  
 Y an por entrambos la juro.  
*Juan.* Calla ya, necio maduro.  
 ¿Qué te cuesta?  
 No es hora tiempo de siesta;  
 Vamos lugo, y á los piés.  
*Paje.* Tornad, hermanos, despues  
 Como se acabe la fiesta.  
*Caxco.* ¿Qué cosa, señor, es ésta?  
*Paje.* Excellente.  
*Caxco.* ¿Puede ver cualquiera gente?  
*Paje.* No creo que podais ver,  
 Si ya no quereis traer  
 Al Príncipe algun presente.  
*Caxco.* Prácmos de buena miente.  
*Juan.* Y áun de grado.  
*Caxco.* Llamemos á Gil Bragado  
 Y á tu primo Mingo Oveja,  
 Qu' el disanto nell igreja  
 Lo tenemos acordado.  
*Juan.* Pardiego, bien has habrado.  
 ¿Quereis vos?  
*Paje.* Cuantos más huerdes de dos,  
 Entraréis con ménos pena.  
*Juan.* Pues quedai en hora buena.  
*Paje.* Andad, hermanos, con Dios.

## JORNADA TERCERA.

## INTÉRPRETE CON LOS REYES.

*Intérpr.* Serenísimo señor,  
Gloria de los lusitanos,  
De los príncipes cristianos  
Tan bueno como el mejor;  
Desd' el mayor al menor,  
Sin trocallos,  
Estos Reyes tus vasallos  
Te besan manos y piés:  
Plégate, pues que así es,  
Benignamente escuchallos.  
Porque para conservallos,  
A' mi ver,  
No ménos es menester  
El amor y la clemencia  
Qu' el ánimo y la potencia  
Para habellos de vencer.  
No juzgues mi proponer

Por osado;  
Porque no soy tan letrado  
Que presuma de mostrarte,  
Mas de sólo recordarte,  
Lo que me ha sido mandado.  
Ellos, señor, m' han tomado  
Por su guía;  
Yo vengo en su compañía  
Como agora te concluyo;  
Soy un intérprete suyo  
Por su mucha cortesía.  
Lo que d' ellos por la vía  
Conosci,  
Es que vienen hasta aquí  
Muy alegres y contentos,  
Con abiertos pensamientos  
De morir todos por tí.  
Tambien me quedas á mí  
Déudor,  
Porque les puse, señor,  
La gana con que partieron;  
Y si buena la tovieron,  
Yo se la hice mejor.  
Ca te soy tan servidor  
Y seré,  
Que mientras, señor, podré  
Quiero yo ser el segundo  
D' aquellos que por el mundo  
Van predicando tu fe.  
Ninguna paga querré  
Del cuidado;



Porque, si fuese pagado,  
Me podrían alegar  
Que te serví por medrar  
O sirvo por lo medrado.  
No siendo remunerado,  
Por do fuere  
Podrá creer quien me oyere  
De pura necesidad  
Qu' es así todo verdad  
El bien que de tí dijere.  
Y áun quien bien notar quisiere,  
No se espante;  
Porque gana un semejante  
Que te alaba en su decir:  
Tú pierdes en consentir  
Que te alabe un ignorante.  
Pero pasando adelante,  
Por mejor,  
No es mucho que un labrador  
Cuenta los bienes d' un rey,  
Que será, como àquel buey,  
Conoscer su posesor.  
Pues hablar de tí, señor,  
Determina;  
Que aunque mi lengua es indigna,  
Por mucho no lo ternán  
Como el asna de Balaán  
Hablar por gracia divina.  
Y así, si Dios me encamina,  
No cobdicio  
Ni pido más beneficio,

Si con Dios puedo hacer,  
Que me dé vida y saber  
Que despenda en tu servicio.  
Quiero tornar al oficio  
De primero:  
Aqueste Rey delantero  
Cuyo nombre te propongo,  
Es el Rey de Monicongo,  
Buen cristiano por entero.  
¿Quieres ver lo que refiero  
Si es verdad?  
Eslo de tal voluntad,  
Que mil cosas sabe ya  
Y algo d' ello te dirá  
Con alguna brevedad.  
Pues, señor, tu majestad  
Sepa y crea  
Qu' éste es el Rey de Guinéa,  
Batizado y convertido  
Por aquella cruz que vido  
Con que salvarse desea.  
Y en lo que habla y rodea  
Dice así  
Que ha cumplido hasta aquí  
Un deseo de los dos:  
El uno de ver á Dios,  
Y el otro de ver á tí.  
Y este Rey de Bemuí,  
Junctamente,  
Dicen ambos humildemente  
Que, pues Dios los hizo tuyos,

Que ellos de los reinos suyos  
Te hacen á tí un presente.  
Pues señor, Rey excellente  
Por bondad,  
Estos dos, con humildad,  
De Mandinga Rey qu' es él,  
De Gelof tambien aquel,  
Saludan tu majestad.  
Y en su habla y voluntad  
Que entendí,  
Te dicen, señor, así  
Que nada les ha pesado  
Sino el tiempo que han dejado  
De ser vasallos de tí.  
Dice este Rey que está aquí  
Qu' él ha sido  
Rey de Capa muy querido,  
Que tú ganado le has,  
Mas qu' él ha ganado más  
En verse tan bien perdido.  
Dice este Rey qu' es venido  
Por te ver:  
De Milindo dicen ser;  
Y él dice, pues lo afanaste,  
Qu' el reino que le cobraste,  
Hagas d' él á tu placer.  
Y este Rey de gran saber  
Y valor  
Dice que te es servidor  
Y que ha sido Rey de Adén,  
Mas que tiene por más bien

Ser esclavo que señor.  
Y este Rey de puro amor  
Se te ha dado,  
Y es de Ornuz intitulado;  
Que en tablas de oro escribió  
Los tributos que ofresció  
Cada un año de contado;  
Y que despues que ha pensado  
Cuanto quiera,  
Dice así d' esta manera:  
Que por ser poco el tributo  
Te da poder absoluto  
Del resto, y de más que fuera.  
Dice este Rey que quisiera  
Dias há  
No ser Rey de Cefalá,  
Con tal que pluguiera á Dios  
Haceros un Rey á vos  
De cuanto so el cielo está.  
Dice el Rey de Cambayá,  
Qu' es indiano,  
Y estotro, como su hermano,  
Que Rey de Goa se llama,  
Que bienes, vidas y fama,  
Todo ponen en tu mano.  
Dicen que muy más temprano  
Con placer  
Te quisieran conocer  
Aqueste Rey de Caúl  
Y aquest' otro Rey d' Abúl  
Que vienen á tu querer.

Lo que he podido entender  
D' escuchallos,  
Es que debes estimallos;  
Porque juran en sus leyes  
Que agora créen ser reyes  
Que de tal Rey son vasallos.  
Y éstos, si mandas nombrallos,  
Bien será:  
Pues tu majestad sabrá,  
Porque mejor los distinga,  
Qu' éste es el Rey de Narsinga,  
Y estotro de Bentumlá.  
Y aunque en paz acá y allá  
Los mantienes,  
Si no te ofrescen sus bienes  
Dicen ser cosa escusada  
Pensar ofrescerte nada  
De lo que por tuyo tienes.  
Dicen que d' ellos ordenes  
A' tu honor  
Este Rey de Cananor  
Y aquest' otro de Cochin,  
Los cuales hasta la fin  
No quieren otro señor.  
Dícete que por tu amor  
Morirán  
Cuando menester serán,  
Aunque su potencia es flaca,  
Ansí este Rey de Malaca  
Como estotro de Cilán.  
Ansí juntos como están

Dicen más:  
Que mientras tú vivirás  
Cobdician siempre sêguirte;  
No dejarán de servirte  
Sino cuando no querrás.  
Lo que, en fin, señor, sabrás  
D' esta gente  
Es que todos humilmente,  
Conosciendo su rudeza,  
Querrían de tu alteza  
Dos cosas principalmente.  
Ellos piden al presente  
Por tus manos,  
Y querrían muy ufanos  
El bapismo rescebir,  
Y leyes en que vivir  
Las mesmas de los cristianos.  
Que otro tiempo los romanos  
¡Ved quién fueron!  
Tan pocas leyes tuvieron,  
Ó que no fuesen tan buenas,  
Que á los barones de Aténas  
Las sus leyes les pidieron.  
Y por las que ellos les dieron  
Se han guiado,  
Bien que las han aumentado  
Como se suele hacer:  
Ya es principio de saber  
Querer hombre ser mostrado.  
Tambien los han avisado  
Y han sabido

Que en Roma, señor, es ido  
Tristan d' Acuña, el buen viejo,  
Que con persona y consejo  
Tanto y tan bien te ha servido.  
Y ellos diz que lo han tenido  
Con amor  
Por Visorrey y señor,  
Y confían tanto d' él,  
Que si tú quieres, con él  
Les puedes hacer favor.  
Porque siendo embajador  
Este tal,  
Tú siendo tan especial  
Hijo de Papa Leon,  
Y el que tuvo en proteccion  
Tanto tiempo á Portugal  
Que mientras fué cardenal  
Todavía  
Por portogueses ponía  
Persona, estado y haberes,  
Lo que agora, si tú quieres,  
Mucho mejor lo haría.  
Pues esta gente querría  
Por tu mano  
D' este gran Papa Romano,  
Pues con él vales y cabes,  
Gracias y cosas que sabes  
Convenientes á cristiano.  
Pues eres bueno y humano,  
Justiciero,  
Tráctalos bien por entero;

Porque quien compra el caballo  
Más despense en gobernallo  
Que le costó de primero.  
Lo que d' esto te refiero,  
Porque siga,  
Digo qu' es poca fatiga  
La que en ganallos se funda;  
Respecto de la segunda,  
Que á conservallos te obliga.  
No tengo más que te diga,  
Ni hay lugar.  
Mañana podrán tornar  
Á hacer mayor presencia:  
Por hora, dales licencia  
Que vayan á reposar.



## JORNADA CUARTA.

CAXCOLUCIO.  
JUAN TOMILLO.  
MINGO OVEJA.

GIL BRAGADO.  
PAJE.

*Caxco.* Nuestramo, guárdevos Dios  
Y os haga gran rabadan;  
Digo al Príncipe don Juan,  
Soncas, no os entendais vos.  
Träémosle, juri á nos,  
Estos dones,  
Porque sintais, bobarrones,  
Que si al Rey Reyes venieron,  
Soncas, nada no le dieron  
Son palabras y razones.

*Juan.* Y estas negras presunciones,  
Compañero,  
Juri á mí, si van de vero,  
No te creo ni te ahuzio.  
Noramala, Caxcolucio,

- Mingo.*           ¿Porqué habras tú primero?  
 ¡Tómame estotro grosero!  
 ¡Tirt' ahuera!  
 ¿No sabes tú donde quiera,  
 Si s' adelanta esta craca,  
 Que 'll oveja más bellaca  
 Siempre bala la primera?
- Caxco.*           Hábrame d' otra manera,  
 Mingo Oveja;  
 No t' amargue la conseja,  
 Pues que sabes tú, maldito,  
 Que andube cuando chequito  
 Quince dias all igreja.
- Mingo.*           Y an por eso, hi de neja,  
 Cachiprieto,  
 Saliste tanto discreto  
 Que quieres habrar dellante.
- Caxco.*           Sí, que so medio estudiante,  
 Que por eso me arremeto.  
 Y aquel dia sobre el seto  
 Del concejo,  
 Siendo vivo Anton Bermejo,  
 M' escojó todo el lugar  
 Para que huse á habrar  
 Sobr' ello all alcalde viejo.
- Juan.*            ¡Oh hi de puta hollejo,  
 Descosido!  
 ¿No sabes tú que he yo sido  
 Ropero de mi rebaño,  
 Y ainas huera ell otr' año  
 Montaraz d' aquell ejido?

- Gil.*        ¡Dot' á huego, pan perdido!  
Pues apuesta;  
Que por cosa manehiesta  
Te probaré yo mijor  
Que he sido ya rugidor  
Otra vez, y an dos con ésta.
- Mingo.*    Qu' antes eso ¿qué te presta,  
Hi de ruin?  
Que para habrar, en fin,  
Delante un Rey ó d' un Papa  
Debe ser hombre de chapa  
Que sepa medio latin.
- Caxco.*    Pos ¡pesar de Sant Martin!  
Yo sé d' esto.  
Dime agora, paje en cesto:  
¿Que no aciertas qué decrina  
**Reculaches miche aína**  
**Recalcabo en tibe presto?**
- Juan.*     Pos espera, carajesto,  
¡Vaya arreo!  
Tú que enfinges como veo,  
¿Qué decrina, por tu fe,  
**Dominos dominos te,**  
**Perojo en seculos meo?**
- Mingo.*    Mia fe, entrambos cuidio creo,  
Dios löado,  
Que á la par heis estudiado  
Hasta cerca del amén .  
Lo que yo me sé tambien;  
Y entiendo que Gil Bragado  
Sería mijor dobrado

Sin fatiga:

Que primero habre y diga  
 Quien por suerte le cupiere,  
 Y al ruín que Dios ge la diere  
 San Pedro ge la bendiga.

*Caxco.* Hora que, juro all amiga,  
 Yo lo quiero.

*Gil.* Pues entendamos de vero  
 Si sois contentos y ledos,  
 Y alcemos todos los dedos:  
 Hodido sea el postrero.

*Juan.* Pues, zagales, y' os requiero  
 Concrusion

Que no haya aquí traición  
 D' una maldita migaja.

*Mingo.* Cada cual tome su paja  
 Y entren en este zurrón.

*Gil.* Que dice buena razón.

*Caxco.* Sús, pues, vía!

*Juan.* Señores, he aquí la mia.

*Gil.* Yo meto aquesta tras tí.

*Caxco.* Y éstas por él y por mí:  
 Salgamos d' esta porfía.

*Juan.* ¿Pues sabeis yo qué querría  
 Todo ogaño?

Qu' en aquesto no haya engaño,  
 Si á vosotros paresciere.

*Mingo.* La que primero saliere,  
 Que así hecimos antaño.

*Juan.* Mia fe, aquesta yo la apaño,  
 Mia s' es.

Habed paciencia los tres  
 Mientras le doy mi raposa.  
*Caxco.* ¡Dot' á huego! Mala cosa,  
 Saliste con tu interés.  
*Juan.* Nuestramo, pues que así es,  
 A mi ver  
 No me debeis conoscer;  
 Tampoco me maravillo,  
 Sabé que soy Juan Tomillo,  
 Nieto d' Andrés Bachiller.  
 Soy venido por vos ver  
 Este dia;  
 Y anque traeros podia  
 Cualquier otra mejor cosa,  
 No quije son la raposa,  
 Porque más os convenía.  
 Con tres cosas yo diría.  
 Hin que muera  
 Qu' es obrigado cualquiera  
 Para con quien quiere bien:  
 Con la vida y lo que tien,  
 Ó con consejo siquiera.  
 Pues con mi poca manera  
 Mazorral  
 Os trayo aqueste animal,  
 Qu' es más astuto que todos;  
 Poned sus artes y modos  
 En vuestro mamorial.  
 Sabed, señor, qu' esta tal,  
 Sin canciones,  
 Por corrales y cantones

Se hace mil veces muerta;  
 Mas está viva y despierta  
 Para hacer traiciones.  
 Y así son muchos garzones  
 Maliciosos  
 Que se hacen virtuosos  
 Y se fingen mortecinos:  
 No querais tales vecinos,  
 Y' os digo que son raposos.  
 Guardad de lobos rabiosos  
 Vuestro hato,  
 Que cuando no me percato  
 Se llevan algo en la boca.  
 Sólo á vos, señor, os toca  
 Ser raposo cada rato.

*Caxco.*

Con mi hato y garabato  
 Hem' acá.  
 Vuestra quillotra sabrá  
 Que me llaman Caxcolucio,  
 Sobrino de Pero Sucio,  
 Que murió mil años há.  
 Tráyovos, si os pracerá,  
 Este gallo,  
 Qu' es el más gentil que hallo  
 De todos los animales,  
 Y á las presonas réales  
 Os conviene remedallo.  
 Que entre mil gracias que callo  
 Buenas, finas,  
 Tiene estas dos por vecinas:  
 Que vela bien su muralla,

Y cosa buena no halla  
Que no llame á las gallinas.  
Estas gracias muy continas  
Tened vos:  
Que veleis siempre por nos,  
Pues os queremos servir,  
Y llamamos al partir  
Si algun bien os diere Dios.  
*Mingo.* Bien cabrá tras estos dos  
Mi palabra.  
Señor, aqueste que os habra  
Porná por vos la pelleja;  
Que se llama Mingo Oveja,  
Sobrino de Sancho Cabra.  
Pues vuestra mercé nos abra  
Sin pereza  
Las puertas de su nobreza  
Donde s' aprisque ell apero:  
Mas tomái ese cordero  
Que vale toda riqueza.  
Y an de notar su simpreza  
Me perhundo;  
Porque te pruebo y te fundo,  
Por las señales que veo,  
Qu' es aqueste 'll annos Deo  
**Qui tollas peccata mundo.**  
Y á vos, que sois sin segundo,  
Dios os preste.  
Vos cumple ser como aqueste  
Benigno, manso y humano.  
Haced por ser buen cristiano

Cuéstevos lo que vos cueste.  
*Gil.* ¡Qué va que no hay quien m' apueste  
 D' esta gente  
 Que traigo mejor presente  
 Que aquestotros todos tres?  
 Nuestramo, pues que así es,  
 Dios os guarde y os contente.  
 Yo me llamo ciertamente  
 Gil Bragado,  
 Y entiendo que so ahijado  
 Del cura de San Pelayo;  
 Y aquesta águila que os trayo  
 Buen réal que me ha costado.  
 Mas vaya bien empleado,  
 ¡Juri á tal!  
 Porque este noble animal  
 Por réal le tengo yo;  
 Y an si réal me costó,  
 Dóilo á persona réal.  
 Sabed qu' es tan liberal  
 Mi señor,  
 Que, comiendo, al más sabor  
 Suelta las presas süaves  
 Para que coman las aves  
 Que le están en derredor.  
 Y áun juri á mí peccador  
 Que á las tales,  
 Siendo simpres animales,  
 Dióles Dios aquestas leyes  
 Porque Príncipes y Reyes  
 Aprendais ser liberales.



- Juan.* Acabá, que estos zagales  
Quiérens' ir.
- Gil.* Ya yo quiero concurir.  
Mas ¿quién tomará el presente?
- Paje.* Andad acá, buena gente,  
Comigo habeis de venir.
- Caxco.* ¿Y adónde quieres decir?  
*Paje.* ¡Qué grosero!  
Para dallo al despensero  
Como manda el mayordomo.
- Mingo.* ¿Qu' es aqueso? ¿Cómo, cómo?  
Mia fe, hermanos, yo no quiero.  
Límpiense de mi cordero  
Los gazzates.
- Paje.* Pues ven acá, no te mates;  
Para nuestramo ha de ser.
- Gil.* No te lo hagan creer,  
Déjate d' esos debates.  
¿Cuidas que somos orates?
- Juan.* Gil Bragado,  
Fía, qu' es hombre fiado,  
Que yo lo coñezo ya.
- Gil.* ¿Fíaslo tú?
- Juan.* ¡Mia fe, ha!
- Gil.* Pues que vamos de buen grado.  
*Paje.* Y an os tengo aparejado  
Pan y vino,  
Coles con mucho tocino,  
Buena vaca con mostaza,  
Y una gorda gallinaza  
Que lleveis para el camino.

*Juan.*      Pues camina, mortecino,  
              Si querrás,  
              Tú primero por compas,  
              Y Caxcolucio tras tí,  
              Gil Bragado lugo ahí,  
              Y nosotros dos detrás.

## JORNADA QUINTA.

---

APOLO.—FAMA.—MINGO OVEJA.

*Apolo.* Vén agora, hazte presta,  
Fama, si fama codicias;  
Corre á ganar las albricias  
Por el mundo d' esta fiesta.  
Del altura d' esta cuesta  
Coge el vuelo,  
Llama á las puertas del cielo,  
Cuéntales esta victoria,  
Gocen de gloria y más gloria,  
De consuelo y más consuelo.  
Torna despues por el suelo  
Con pregones,  
Comienza por los cantones,  
No dejes plaza ni calles,  
Da voces á cuantos halles  
De cualesquiera naciones.

Vé despues en las regiones  
De Pluton  
Do Satán y cuantos son,  
Siquiera por te escuchar,  
Dejarán de atormentar  
Las almas sin redempcion.  
Con esta nueva cancion,  
Si querrás,  
Gran placer sé que darás,  
No sólo á quien le tocaba,  
Mas á quien sin él estaba  
Ni lo esperaba jamás.  
Pues de mí te llamarás  
Mensajera  
Y dichosa pregonera  
D' este nuevo Emanüel,  
Comienza los bienes d' él  
Y nunca acabes siquiera.  
Dirás con cuanta manera  
Desvelado,  
Las tierras que le han dejado  
Las ha sabido guardar;  
Dí que, muy más que ganar  
Es conservar lo ganado.  
Cuanto más qu' él ha doblado  
Su potencia  
Con tanto seso y prudencia  
Cuanta su nombre requiere;  
Y ansí do Reyes hobiere  
Será Rey por excellencia.  
Dí tambien con diligencia

Y á placer,  
Que la Reina su mujer,  
Siendo el alma del marido,  
Lo que por él le ha venido  
Que no lo quiere perder.  
Y si quieres proceder  
Y acertar  
En tu decir y hablar,  
Nombra el hijo tras la madre;  
Que sin la gloria del padre  
Quiere otra tanta ganar.  
Di que no quieran mirar  
Á qu' es chico,  
Qu' en fortuna es grande y rico,  
Da tambien este papel,  
Donde pronóstico d' él  
Más que del padre publico.  
*Fama.* Como parten el cebico  
Substancial  
Á sus hijos cada cual  
De las aves, á mi ver  
Ansí quiero yo hacer,  
Que soy madre general.  
Este tome por señal  
Quien me ama;  
Coman todos de mi rama,  
Porque no hay cosa nascida  
Que más substente la vida  
Qu' es el fruto de la fama.  
*Mingo.* Digo, digo. ¡Ha, nuestr' ama!  
Si mandais,

Dadme d' aqueso que dais  
Para los otros y á mí.

*Fama.* Tira, villano, d' aquí.

*Mingo.* Mas mirad cómo hablais.

¿Qu' es aqueso que arrojaís?

*Fama.* ¡Oh grosero!

¿Vistes tan gran majadero

Y en qué se quiere meter?

¿Ó piensas que soy mujer?

Vé con Dios.

*Mingo.* Mia fe, no quiero.

¡Válame Dios verdadero

Neste dia!

¡Dom' á la Vrige María!

Nunca vi tal alimaña.

Juri á la mar soterraña

Que por mujer te tenia,

Mas hora yo no sabia

Si eres dueña.

Por esta de carne y leña

Seneficanza de cruz,

Que pareces abestrúz

Ó, soncas, grulla ó cegüena.

Pardios, no siento la greña

De smarrida!

Nunca persona en mi vida

No vi, ni pude pensar,

Con alas para volar

Como ésta que aquí es venida.

¿Quieres ser bien comedida?

Por mi amor

Que me saques d' este error:  
¿Tu merced cómo se llama?  
*Fama.* Hermano, yo soy la Fama.  
*Mingo.* La fambre, dirás mejor.  
Hazme agora sabidor  
De tu grado;  
Do diablo te has criado;  
Siquiera qué oficio tienes;  
Dónde vas, y dónde vienes;  
Quítame d' este cuidado.  
*Fama.* Aunque era bien escusado,  
Soy contenta:  
Quiero darte aquesta cuenta,  
Que en ello poco se yerra.  
Yo soy hija de la tierra,  
Si quieres que no te mienta.  
Soy por mí libre y esenta  
De contino,  
Y ando siempre de camino  
Contando, con harto afán,  
Quién es Pedro, y quién es Juan  
Y cada hi de vecino.  
*Mingo.* ¡Oh, dot' al Verbo divino  
Celestial,  
Hermana, por otra tal,  
Pues Dios tal gracia te dió!  
¿Quién has dicho que soy yo,  
Si Dios te guarde de mal?  
*Fama.* Un hombre bien especial  
Y excelenté,  
Y el mayor y más valiente

- Que hay en toda su pelleja;  
Y áun te llamas Mingo Oveja.
- Mingo.* Verdad dices, ciertamente.  
¡Por la fe de San Llorente  
Que he temor!  
Mátenme como á traidor,  
Si no es d' estas hechizeras.  
Ni aunque á la pila estovieras  
No lo sopieras mejor.  
Dime agora por mi amor,  
Mi señora,  
¿De quién habrabas agora  
Cuando dabas el papel?
- Fama.* Del gran Rey Emanüel  
Á quien soy tan servidora,  
Cuya mano vencedora  
Fué y será:  
Por el mundo se sabrá.
- Mingo.* ¡Toma, qué cuerpo de ciego!  
Qu' antes eso, juri á Diego,  
Bien lo sabemos acá.  
Mia fe, si te pracerá,  
Por probar,  
Mucho te quiero rogar,  
Porque aprenda de tus galas,  
Que me prestes esas alas  
Á ver si sabré volar.
- Fama.* Bien te las puedo prestar.  
Pero qué,  
Dime tú, ¿cómo estaré  
Si te me fueses con ellas?



- Yo no querría perdellas.  
*Mingo.* No hayas miedo en buena fe.  
*Fama.* En fin, te las prestaré.  
Más, empero;  
Si quieres, decirte quiero  
Los modos y mañas mias,  
Segun volaba en sus días  
Aquel viejo carpintero.  
Debes, hermano, primero  
Santiguarte;  
Abrir los brazos d' esta arte  
Y echar la lengua al través,  
Y alzar del suelo los piés,  
Resoplar por cada parte.  
Y áun para más ayudarte  
Es razon  
Que hagas una oracion;  
Mas has d' estar confesado.  
*Mingo.* Que maldito aquel peccado  
Que tengo en el corazon.  
*Fama.* Pues no haya más dilacion,  
Toma aquí.  
*Mingo.* Echa acá, cuerpo de mí,  
Desmolerémos las migas.  
Por tu vida que me digas  
Si comienzo bien así.  
Mia fe, encomiéndome á tí,  
Dios del cielo;  
Tú que le diste á Pedruelo  
Lo qu' él sabe y tú t' entiendes,  
Tú que á los muertos defiendes

De manos del barrichelo;  
 Tú que mos das en tinelo  
 Las fritadas;  
 Tú que mos hartas, aosadas,  
 De las heces de las botas;  
 Tú que mos das las pañotas  
 Por cocer ó bien quemadas,  
 Escucha mis palabradas  
 Sin tardar;  
 Haz que torne á mi lugar  
 Y no deje el cuero en Roma;  
 Dame que vista y que coma,  
 Y gracia para volar.

*Fama.* Pordio, que puedes mostrar  
 No sé á quién.

*Mingo.* Que te juro á Santaren  
 De volar un poco altillo:  
**Nomeli Patris en Fillo**  
**Del Esprito sancto, amén.**

*Fama.* Á la fe que ya ibas bien.  
 Pero ¿ves?  
 Has de levantar los piés  
 Y echarte como á nadar,  
 Y primero has de sacar  
 Toda la lengua al través.

*Mingo.* ¡Que me prace! Mira pues.

*Fama.* Saca más;  
 Saca, en fin, cuanta podrás;  
 Pásala toda á esta parte.  
 Hora torna á sanctiguarte,  
 Y vuela cuanto querrás.

- Mingo.* Ay, ay, ay!
- Fama.* Ahí estarás.  
 ¡Qué grosero!  
 ¡Vistes tan gran majadero  
 Qué se puso en la mollera?  
 Pues haced cuenta siquiera  
 Qu' es el diablo ligero.
- Mingo.* Ay, ¡dom' á Dios, que me muerdo!
- Fama.* Pero ¡andar!  
 Muchos quieren hoy volar,  
 Y dan tan grandes caídas  
 Que más en todas sus vidas  
 No se pueden levantar.  
 Quien bien quisiere notar,  
 Selle ha sano.  
 Vayan, vayan por lo llano  
 Los que no quieren caer,  
 Y así no habrán menester  
 Médico ni cirujano.  
 Ya se levanta el villano.
- Mingo.* Mas espera,  
 Doña puta hechizera,  
 Si no te sacudo un poco.
- Fama.* Tente allá, no seas loco,  
 Dote al diablo siquiera.
- Mingo.* Mas ¡por qué d' esta manera  
 Me heciste?
- Fama.* Si tú te lo mereciste,  
 Que habias d' ir confesado.
- Mingo.* Doy á Dios aquel peccado,  
 Que tú bien me lo dejiste.

- Fama.*           ¿Qué peccado cometiste?  
*Mingo.*           ¿Qué? ¿qué? ¿qué?  
*Fama.*           Dilo agora, por tu fe.  
*Mingo.*           Acontecióme un desastre.  
*Fama.*           ¿Qué?  
*Mingo.*           Con la hija del xastre.  
*Fama.*           ¿Dónde, dí?  
*Mingo.*           Que no lo sé.  
*Fama.*           Dí si quieres.  
*Mingo.*           Sí diré.  
*Fama.*           Dilo ya.  
*Mingo.*           Por...  
*Fama.*           ¿Por dónde?  
*Mingo.*           Por allá.  
*Fama.*           Dilo agora sin recelo.  
*Mingo.*           Nel...  
*Fama.*           ¿Nel qué?  
*Mingo.*           Nel mí majuelo.  
*Fama.*           Pues veamos qué será.  
*Mingo.*           Si quijera...  
*Fama.*           ¿Qué?  
*Mingo.*           Quizá...  
*Fama.*           ¿Que hicieras?  
*Mingo.*           Ge lo echara para peras.  
*Fama.*           En fin, ¿no heciste tal?  
*Mingo.*           No, pardios; mas ende mal.  
*Fama.*           Y despues te arrepintieras.  
*Mingo.*           Sí á la fe, habrando en veras.  
Mas, empero,  
Quiero ser buen mensajero  
Pues de contino lo he sido:

*Fama.* Dam' el papel que te pido.  
 Dame mis alas primero.  
*Mingo.* Tómalas, que no las quiero,  
 Y echa acá.  
*Fama.* ¡Qu' es aquesto que aquí va?  
 Los versos que dijo el chico;  
 Tambien aquel villancico  
 Que agora se cantará.  
*Mingo.* Soncas, leerse podrá.  
 ¡Sús, qu' es hora!  
 Despidámonos, señora,  
 D' aquesta compañía hondrada.  
 La comedia es acabada:  
 Valete et plaudite agora,  
 Y ficai tudos en bora.

## VILLANCICO.

Quien tantos reinos ganare  
 Como vos,  
 Ganado tiene el de Dios.  
 Todas las puertas del cielo  
 Vos están de par en par;  
 La mesma razon del suelo  
 Vos hace allá triunfar.  
 No hay más glorias que ganar  
 D' estas dos:  
 La del mundo y la de Dios.  
 Do llega vuestro poder

En este punto reinais;  
No dejais de poseer  
Sino lo que no probais.  
Inmortal nombre ganais  
Entre nos,  
Y gloria para con Dios.

**Finis**

## S U M M A R Y

*This publication contains the extremely rare text of the "Comedia Trofea" by Bartolomé Torres Naharro, the Sixteenth Century Spanish author. The work was written and performed in Rome in 1514 at the Court of Pope Leo X in honour of the Portuguese Ambassador Tristão da Cunha, who had been sent there by King Manuel I, in order to present rich gifts brought from the East Indies and to open negotiations on various points of ecclesiastical policy. Besides being connected with widely-famed historical events the comedy has special significance for literary historians, since it raises the problem of the interrelations and mutual influences of the works of Juan del Encina, Gil Vicente and Torres Naharro, whose names are of prime importance in the beginnings of the Iberian drama, and also because it is an indication of the historical background which, according to Prof. Fidelino de Figueiredo, gave birth to the national epic of the Portuguese.*

*The text chosen for this reprint is that adopted by D. Manuel Cañete, the famous historian of the Spanish theatre. Prof. Fidelino de Figueiredo touches upon several aspects of the problem in his preface, but abstains from giving a definite judgment prior to the publication of Torres Naharro's "Propalladia" in the critical edition which the distinguished Spanish scholar, Prof. Joseph E. Gillet of the United States, is now ending.*





## I N D I C E

I — TEXTO	<i>Págs.</i>
Prefacio de FIDELINO DE FIGUEIREDO .	7
<i>Propalladia — Prohemio</i> .....	47
<i>Comedia Trofea</i> , de BARTOLOME' TORRES NAHARRO .....	51
Summary .....	119
II — GRAVURAS	
Frontispicio da edição “princeps” da <i>Propalladia</i> .....	5
O Elefante Annone e o Poeta Baraballo ....	17
Cabeça do Elefante Annone .....	19



Este livro foi composto e impresso  
nas oficinas de José Magalhães.  
Rua Quirino de Andrade, 59 - 67.  
São Paulo - Janeiro - 1943